



Convivências

Dez anos da Bolsa Iberê Camargo



Convivências

A Bolsa Iberê Camargo ocupa a mais privilegiada das posições: a meio caminho entre passado e futuro. Instituída em homenagem a Luiz Aranha, mecenas de Iberê no início de sua carreira no Rio de Janeiro, ela visa preservar a memória do incentivo recebido pelo artista, ao mesmo tempo em que reconhece a importância da formação e do aprimoramento de jovens artistas. Assim, ela cumpre o duplo objetivo de reverenciar o passado e fomentar o futuro.

Criado em 2001, o prêmio já se estabeleceu como um dos mais significativos e prestigiados da área. Anualmente, abrem-se inscrições para jovens artistas brasileiros enviarem seus portfólios, os quais são analisados por um júri de especialistas em artes visuais. Ao cabo do exame crítico e do debate acerca dos projetos propostos, o júri então aponta quais artistas serão enviados para uma temporada de aperfeiçoamento em um centro de arte internacional, quais participarão do Programa Artista Convidado do Ateliê de Gravura da Fundação Iberê Camargo, e quais receberão destaque no site da instituição. Cria-se, assim, uma completa teia de conexões que não apenas difunde as atuais pesquisas da arte brasileira, bem como as mapeia e as documenta.

Difundir, mapear a documentar a produção contemporânea brasileira são também alguns dos objetivos da exposição *Bolsistas 10 anos*. Com curadoria de Jailton Moreira, a mostra reúne os 14 artistas contemplados com o programa desde 2001, e dá continuidade ao processo sistemático de reflexão crítica sobre os resultados obtidos desde então. A questão colocada por Jailton Moreira trata de identificar de que maneira a Bolsa Iberê Camargo influenciou a trajetória desses artistas. Para tanto, o curador empreendeu uma profunda e compreensiva pesquisa de suas obras, lançando mão de visitas aos ateliês dos artistas e selecionando trabalhos fundamentais para compor uma visão panorâmica dos dez primeiros anos da Bolsa Iberê Camargo.

Esta década de acompanhamento e apoio à jovem produção brasileira só foi possível graças ao apoio constante de nove instituições internacionais e de suas dedicadas equipes. A Fundação Iberê Camargo agradece, portanto, ao Art Institut of Chicago (EUA), ao Blanton Museum of Art – University of Austin at Texas (EUA), à Cité Internationale des Arts de Paris (França), à École des Beaux-Arts de Rennes (França), ao El Basilisco (Argentina), ao London Prit Institut (Inglaterra), ao Maus Hábitos – Espaço de Intervenções Artísticas (Portugal), à RIAA – Residência Internacional de Artistas de Buenos Aires (Argentina), e à Sala de Arte Público Siqueiros (México). Um agradecimento especial ainda deve ser feito a todos os críticos, curadores e artistas que participaram dos júris; ao curador da mostra, Jailton Moreira, que com competência assimilou 10 anos de produção de quatorze artistas com propostas bastante distintas entre si; a todos aqueles que estiveram envolvidos e comprometidos com a Bolsa; e a todos os artistas que se inscreveram e incentivaram o projeto desde sua criação.

Fundação Iberê Camargo

Este catálogo foi produzido por ocasião da exposição

Convivências – dez anos da Bolsa Iberê Camargo

Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil
12 de novembro de 2010 a 6 de fevereiro de 2011

This catalogue was produced on the occasion of the exhibition

Relationships – ten years of the Iberê Camargo Bursary

Iberê Camargo Foundation, Porto Alegre, Brazil
November 12, 2010 to February 6, 2011

Jailton Moreira nasceu São Leopoldo, RS, 1960. Bacharelado em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS. Como artista, participou de várias exposições individuais e coletivas com destaque para "Trabalhos Insistentes" – Galeria Obra Aberta, Porto Alegre, RS (2002), III e V Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre, RS (2001/2005), Panorama de Arte Brasileira do MAM de São Paulo, São Paulo SP (2001/2003/2005), "Tropicália – A Revolution in Brazilian Culture" – MAC de Chicago e Barbican Gallery de Londres (2005), V e X Salão Nacional de Artes Plásticas, FUNARTE/INAP, Rio de Janeiro, RJ (1982/1988). Curador do projeto Rumos Visuais Itaú Cultural (1999/2003) e da XXXI Coletiva de Artistas de Joinville, SC (2001). Criador do Torreão (1993), junto com Elida Tessler, espaço de reflexão e criação de arte contemporânea em Porto Alegre, onde oferece orientação em artes plásticas.

Jailton Moreira was born in São Leopoldo, Rio Grande do Sul, in 1960. He has a degree in Fine Art from UFRGS Instituto de Artes. As an artist he has shown in several solo and group exhibitions, in particular "Trabalhos Insistentes", Galeria Obra Aberta, Porto Alegre, RS (2002); 3rd and 5th Mercosul Visual Arts Biennial, Porto Alegre, RS (2001/2005); Panorama de Arte Brasileira, MAM São Paulo, SP (2001/2003/2005), "Tropicália – A Revolution in Brazilian Culture" – Museum of Contemporary Art, Chicago and Barbican Gallery, London (2005), 5th and 10th Salão Nacional de Artes Plásticas, FUNARTE/INAP, Rio de Janeiro, RJ (1982/1988). He was curator for the Rumos Visuais Itaú Cultural project (1999/2003) and XXXI Coletiva de Artistas de Joinville, SC (2001). He was joint founder of Torreão with Elida Tessler (1993), a contemporary art space for reflection and creation in Porto Alegre, where he runs courses in the visual arts.

Patrocínio



GERDAU



CAMARGO
CORRÊA



de lage landen

Apoio



Financiamento



JAILTON MOREIRA



Convivências

Dez anos da Bolsa Iberê Camargo



BOLSA IBERÊ CAMARGO: um breve histórico

Criada em 2001 com o objetivo de fomentar a produção artística contemporânea no Brasil, a Bolsa Iberê Camargo nasceu como um providencial investimento e apoio a novos nomes das artes visuais brasileiras, estimulando o debate e reflexão sobre novas formas e suportes para a expressão da arte contemporânea. Ao longo de uma década, a Bolsa cunhou sua presença no cenário nacional como uma das mais importantes iniciativas do gênero, oferecendo a artistas brasileiros residências internacionais para pesquisa e aperfeiçoamento de seus projetos, em alguns dos mais efervescentes e conceituados centros de estudos de arte contemporânea do mundo.

Esse importante fluxo cultural estabelecido por meio da parceria da Fundação Iberê Camargo com as instituições estrangeiras de ensino e pesquisa em arte propicia, a cada nova edição, uma importante rede de trocas e experiências entre a produção artística nacional e a internacional, enriquecendo e potencializando o cenário das artes contemporâneas em ambas as realidades.

Até o presente momento, 14 artistas foram selecionados para temporadas no exterior, escolhidos após uma criteriosa análise de portfólios, linhas de pesquisa e trabalho, além da viabilidade e relevância dos projetos a serem executados através da Bolsa – enviados pelas inscrições de centenas de artistas, de todos os estados brasileiros. A cada edição, além dos nomes para as residências internacionais, um artista também é escolhido para integrar o programa *Artista Convidado do Ateliê de Gravura* – o projeto que traz à sede da Fundação artistas para uma imersão de uma semana para a produção de gravuras na prensa que pertenceu a Iberê Camargo. Outros dez nomes também são destaque em reportagens que apresentam seus trabalhos na Revista Digital do site da Fundação, garantindo, assim, visibilidade e incentivo a um número maior de artistas a cada ano.

A trajetória da Bolsa Iberê Camargo constrói, então, um rico mosaico de produções e vertentes artísticas, tão significativas quanto heterogêneas entre si, mas que encontram na iniciativa um denominador comum no incentivo à descoberta de novos talentos, bem como o diálogo sobre os diferentes rumos da arte contemporânea brasileira neste século.

2001 Em seu primeiro ano, a Bolsa Iberê Camargo ofereceu ao artista plástico carioca **Cadu** a oportunidade de residência internacional na conceituada London Print Studio. Durante a estada, Eduardo deu continuidade ao seu projeto de trabalho, criando sistemas inusitados de formação de imagens que resultam na obra final, como, por exemplo, desenhos criados no porta-malas do carro do artista, a partir de um equipamento que registra, em desenho, os movimentos do automóvel.

2002/2003 Nos dois anos que se seguiram, o destino foi a Cité Internationale des Arts, em Paris, oferecido às artistas gaúchas **Carla Borba**, em 2002, e **Glaucis de Moraes**, em 2003. Durante a estada na cidade, Carla deu continuidade ao projeto *Álbum de Família*, em que recria fotografias captadas no passado, retratando pessoas em trajes e cenários similares aos que aparecem em suas fotos de infância. No ano seguinte, Glaucis desenvolveu na capital francesa o projeto *Reservado/Réservé*, uma intervenção urbana que consiste na inserção de placas de acrílico transparente com a inscrição RÉSERVÉ (“reservado”) em bancos de praças ou espaços de uso coletivo, complementado por um registro fotográfico a partir dessas experimentações.

2004 Em 2004, o *Art Institute of Chicago* (EUA) recebeu o artista paulista **Marcius Galan**. Durante a estada na instituição estadunidense, Marcius levou adiante o projeto intitulado *Backlight*, desenvolvendo uma pesquisa sobre a funcionalidade dos objetos. A partir de estruturas de luminosos que não cumprem mais a sua função de promover uma imagem, o artista recupera a funcionalidade das peças e as fotografa inserindo a imagem de seu próprio interior no lugar da fotografia que essa estrutura promoveria.

2005 A partir da quinta edição, a Fundação Iberê Camargo ampliou o alcance da iniciativa e passou a oferecer duas bolsas a cada ano, aumentando a base de apoio aos inscritos. Além das residências internacionais, um artista também passaria a ser escolhido para integrar o programa *Artista Convidado do Ateliê de Gravura* e outros dez nomes também seriam destaque em reportagens que apresentam seus trabalhos na Revista Digital do site da Fundação.

Em 2005, um artista foi enviado a uma nova residência no *Art Institute of Chicago* (Estados Unidos) e outro para a Sala de Arte Público Siqueiros e Galeria Garash (México). Selecionada para a residência na cidade mexicana, a paulista **Lia Chaia** apresentou o projeto *Jardim ao Cubo*, proposta de discussão acerca da tensão entre natureza e cultura, desdobrando-se no embate homem e cidade, por meio de instalações e videoarte produzidos no México.

Veronica Cordeiro, artista nascida em São Paulo e atualmente radicada no Uruguai, foi a vencedora da bolsa para os Estados Unidos com o projeto *The Unnamable*, baseada na obra de mesmo nome escrita pelo dramaturgo Samuel Beckett. O texto foi o mote principal e a base para performances e intervenções urbanas apresentadas em espaços públicos de Chicago, posteriormente registrados em vídeo.

Artista convidado do Ateliê de Gravura: **Juliano de Moraes** (GO).

Artistas destaques na Revista Digital do site da Fundação: **Eduardo Menezes Pacheco** (RJ), **Chiara Banfi** (SP), **Rafael Campos Rocha** (SP), **Egidio Rocci** (SP), **Marina Camargo** (RS), **Rubens do Espírito Santo** (SP), **Rafael Alonso** (RJ), **Jorge Menna Barreto** (RS), **Alice Miceli** (RJ) e **Rogério Pereira Cannella** (SP).

2006 Marcando sua sexta edição, as residências internacionais ocorreram no *Art Institute of Chicago* e no *Espaço El Basilisco*, na Argentina. Na instituição americana, o artista paulistano **Wagner Malta Tavares** teve a oportunidade de explorar sua multifacetada produção, que tem foco principal na escultura, mas também transita pelos campos da performance e videoarte, através das intervenções *Contact* e *First Love*, realizadas no espaço público de Chicago.

Iara Freiberg foi selecionada para o instituto argentino com o projeto *Ocupação*, em que propõe a intervenção no espaço urbano de Buenos Aires com impressões da cidade de São Paulo. A artista paulistana registrou a vivência nas duas cidades por meio de desenhos e fotografias que causam interferências pelas ruas da capital portenha, revelando novas dimensões sobre a questão de espaço.

Artista convidada do Ateliê de Gravura: **Laura Huzak Andreato** (SP).

Artistas destaques na Revista Digital do site da Fundação: **Bruno Vieira** (PE), **Fabrizio Carvalho** (MG), **Ivan Martins Henriques** (RJ), **Letícia de Brito Cardoso** (SC), **Marcelo Solá** (GO), **Matheus Rocha Pitta** (RJ), **Patricia Osses** (SP), **Rommulo Conceição** (RS), **Rosana Monnerat** (SP) e **Tatiana Blass** (SP).

2007 Neste ano, duas bolsas de residência artística foram oferecidas para o *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin*, nos Estados Unidos, e outra para a *Ecole de Beaux-Art* em Rennes, na França.

O paulista **Marcelo Moscheta** realizou na França o projeto *Le 48e parallèle nord: paysage*, em que propõe explorar a ideia de deslocamento de tempo e espaço, criando um diário de bordo a partir de viagens que realizou na região da Bretanha, localizada no paralelo 48º pela cartografia. No mesmo ano, **Matheus Rocha Pitta** foi o escolhido para a temporada no *Blanton Museum of Art*, com o projeto *Drive Thru*. A proposta de Pitta uniu escultura, fotografia e vídeo para mostrar a relação entre a grande movimentação de bens de consumo dentro da sociedade atual e a rapidez com que estes objetos são retirados de circulação.

Artista convidada do Ateliê de Gravura: **Mariannita Luzzati** (SP).

Artistas destaques na Revista Digital do site da Fundação: **Alexandre Assaly** (SP), **Alexandre Murucci** (RJ), **Cristiano Lenhardt** (RS), **Fernanda Soares** (RS), **Guilherme Dable** (RS), **Guilherme Maranhão** (SP), **Luíza Baldan** (RJ), **Oswaldo Carvalho** (RJ), **Roberto Bellini** (MG) e **Vanderlei Lopes** (SP).

2008 Nascido em Niterói (RJ), o artista plástico **Vijai Patchineelam** participou da residência artística oferecida pela Bolsa em mais uma parceria com o *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin*, nos Estados Unidos, onde desenvolveu o projeto que explora a relação entre o artista e o espaço de criação na produção do dia a dia. Intervenções nos ambientes de trabalho de Vijai ganharam recortes e documentação por meio de fotografias, vídeos e livros.

No mesmo ano, o artista carioca **Ronald Duarte** foi escolhido para uma temporada no espaço *Maus Hábitos*, na cidade de Porto (Portugal). Durante o período na cidade portuguesa, Ronald executou o projeto *Alvo Fácil*, ação visual executada no espaço urbano da cidade do Porto. Lá, foi montado um alvo de fogo com três barris de petróleo sobre roupas, doadas por moradores locais, intervenção que dá continuidade à pesquisa artística de Ronald, que foca na urgência de expressão e o que precisa ser exposto, dito, visualizado no momento.

Artista convidada do Ateliê de Gravura: **Tamara de Souza Andrade** (SP).

Artistas destaques na Revista Digital do site da Fundação: **Celina Portella** e **Elisa Pessoa** (RJ), **Denise Ruschel Gadelha** (RS), **Felipe Cohen** (SP), **Gerson Reichert** (RS), **Lais Myrrha** (MG), **Mauro Piva** (SP), **Nino Cais** (SP), **Pitágoras Lopes Gonçalves** (GO) e **Renzo Sogi Sato Assano** (SP).

2009 A nona edição da Bolsa Iberê Camargo contemplou o artista gaúcho **Marco Sari** com a residência artística no *RIAA – Residencia internacional de Artistas em Argentina* (Buenos Aires), e também a catarinense **Letícia Cardoso**, que viajou ao *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin* (Estados Unidos).

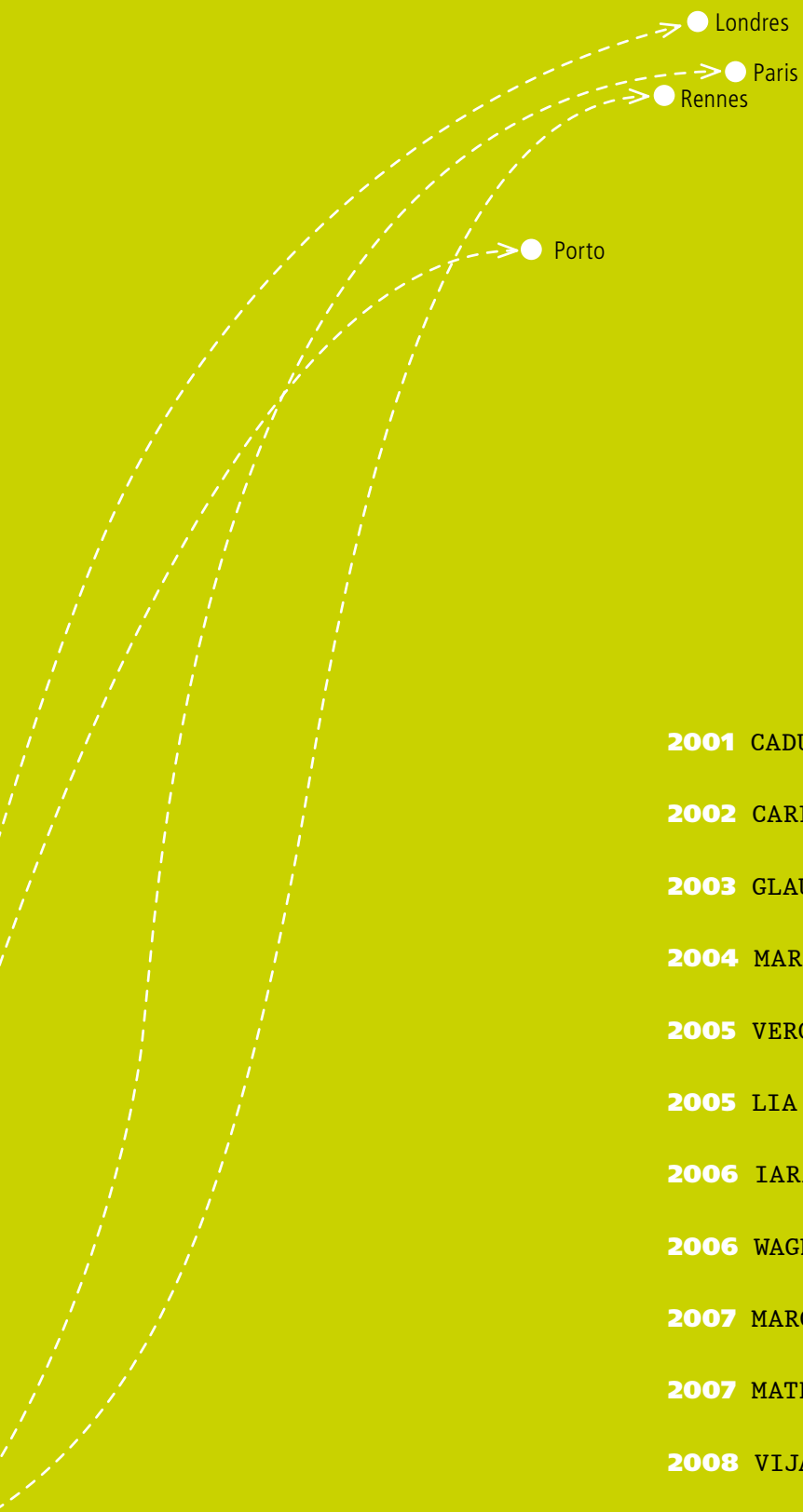
Sari propôs a execução de obras e ações construídas de forma colaborativa, em uma parceria com os demais artistas que estavam presentes na instituição durante a residência, enfatizando a troca de experiências e intercâmbio cultural propiciado pelo próprio programa da Bolsa. Já Letícia Cardoso executou o projeto intitulado *Austin - Paris: um ruído entre Jane e Travis*, baseado no filme *Paris, Texas*, de Wim Wenders. A produção, que inclui instalações e videoarte, propõe debater o deslocamento como movimento em direção ao imprevisível, ao mesmo tempo em que questiona as distintas experiências de comunicação a distância.

Artista convidado do Ateliê de Gravura: **Marcelo Solá** (GO).

Artistas destaques na Revista Digital do site da Fundação: **Alice Shintani** (SP), **Camila Mello** (RJ), **Gabriel Netto** (RS), **Jorge Soledar** (RS), **João Angelini** (DF), **Helene Sacco** (RS), **Maurício Adinolfi** (SP), **Nydia Negromonte** (MG), **Regina Parra** (SP) e **Sofia Borges** (SP).

A exposição que dá propósito a este catálogo é resultado do encontro, na sede da Fundação Iberê Camargo, das mais distintas linhas de pesquisa e expressão da arte contemporânea – através das obras dos 14 artistas selecionados para a Bolsa Iberê Camargo até o presente momento – em peças que denotam o caráter experimental e multifacetado de suas produções.





2001 CADU Rio de Janeiro – Londres

2002 CARLA BORBA Porto Alegre – Paris

2003 GLAUCIS DE MORAIS Porto Alegre – Paris

2004 MARCIUS GALAN São Paulo – Chicago

2005 VERONICA CORDEIRO São Paulo – Chicago

2005 LIA CHAIA São Paulo – Cidade do México

2006 IARA FREIBERG São Paulo – Buenos Aires

2006 WAGNER MALTA TAVARES São Paulo – Chicago

2007 MARCELO MOSCHETA São Paulo – Rennes

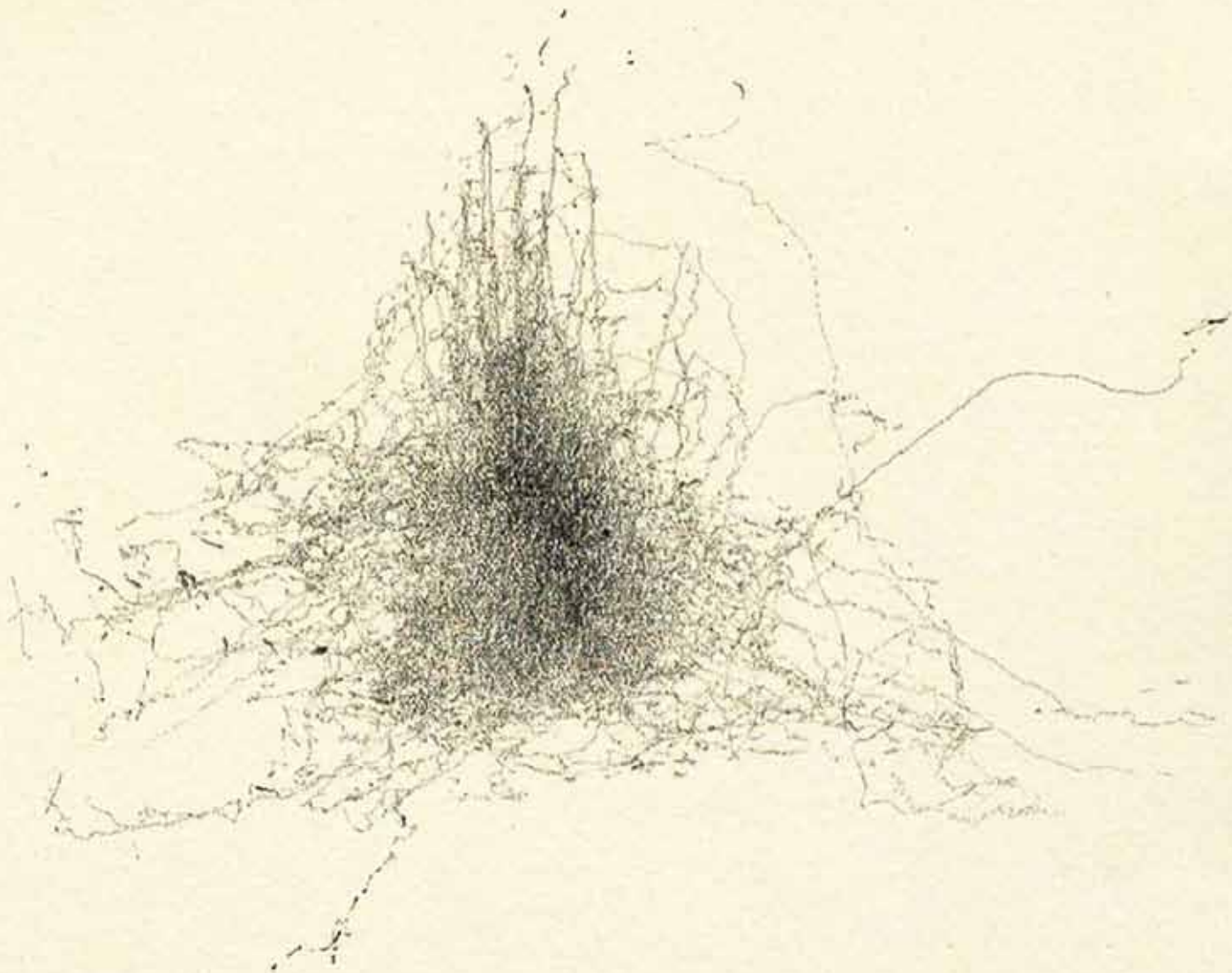
2007 MATHEUS ROCHA PITTA Rio de Janeiro – Austin

2008 VIJAI PATCHINEELAM Rio de Janeiro – Austin

2008 RONALD DUARTE Rio de Janeiro – Porto

2009 MARCOS SARI Porto Alegre – Buenos Aires

2009 LETÍCIA CARDOSO Florianópolis – Austin



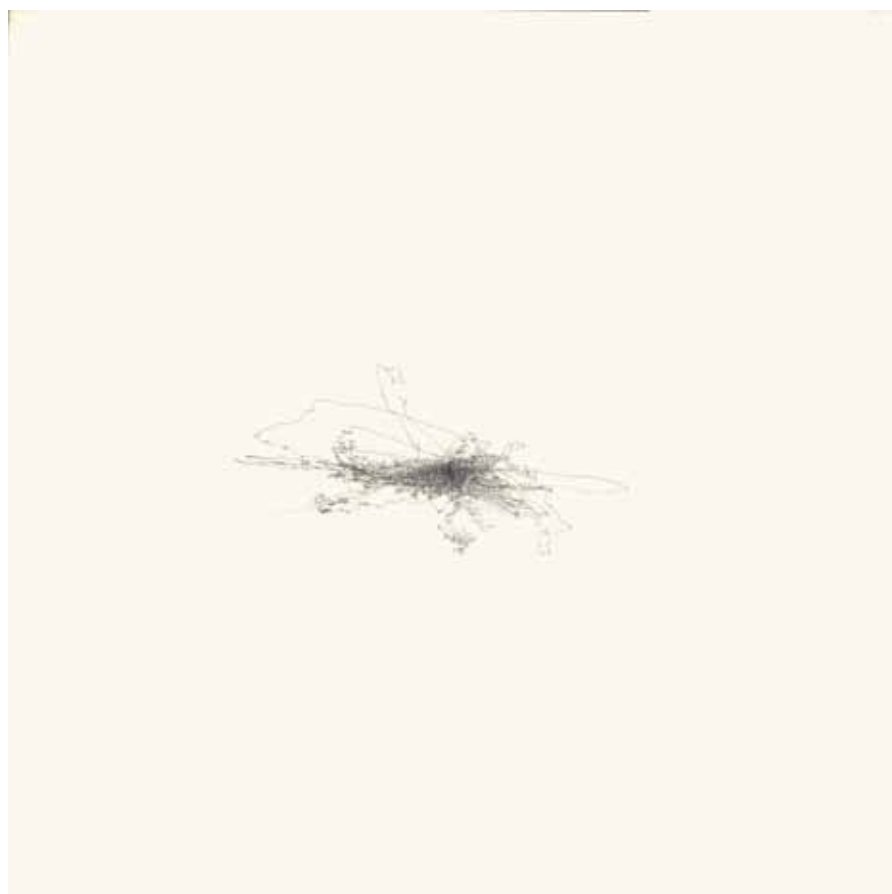
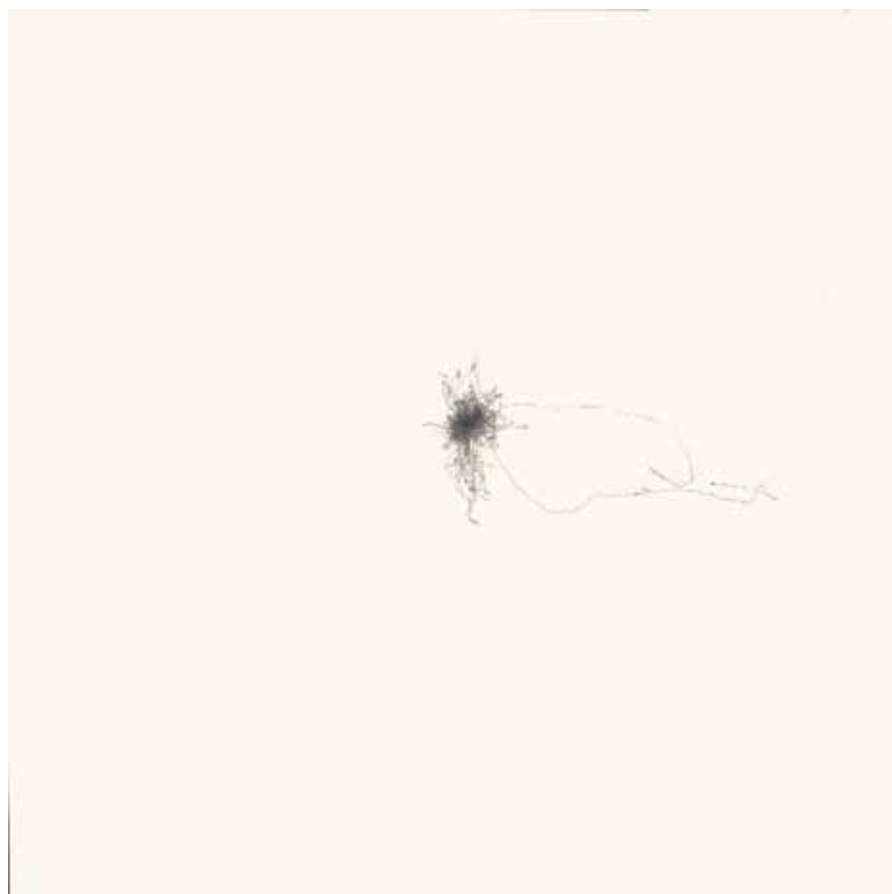
Mapas para se perder Uma viagem não deve se distinguir apenas pela relevância objetiva dos lugares visitados, nem pela quantidade mensurável do movimento, mas por nosso comportamento ao se estar no espaço, ao se ser no espaço. Desprezar a orientação é uma postura de ordem nômade que nos permite tocar o mundo com mais delicadeza e ternura. Não devemos almejar estabelecer marcos permanentes de nossa passagem, mas intensificar a qualidade de nossas experiências, onde resultado e processo se confundem. Esta cartografia feita de afeto, mais que de propriedades, intensiva mais do que extensiva, será o reflexo de nossas paisagens internas projetadas sobre a paisagem externa.

É muito importante perder-se. O mundo torna-se novamente misterioso. Tal condição deve ser apreciada como um dádiva.

Opacidade Ser um estrangeiro é um estado de opacidade. Percebem-se cenas, trocam-se experiências, mas grande parte do código é presumido. Conviver com ambiguidades e buscar soluções para problemas inéditos torna-se uma extenuante rotina. Para a maioria dos indivíduos isto pode parecer desconfortável, mas para um criador é praticamente uma condição existencial.

Quando nomeamos algo é porque encontramos no mundo uma palavra que se condicionou utilizar como equivalente ao fenômeno real. Ela oferece uma descrição satisfatória e transforma o fato em algo coletivo, uma vez que pode ser dividido com aqueles que já o experimentaram. Nossos problemas começam quando as coisas parecem não se encaixar em nada daquilo que conhecemos até então, e somos obrigados a manter o evento suspenso em nossas mentes até que tenhamos entendido seu significado. Artistas tendem a tolerar melhor estes períodos de ambiguidade, por colocá-los atentos e mais sensíveis perceptualmente. Logo, ser um estrangeiro e tentar desvendar um sistema cultural que não se domina é ainda mais um estímulo.

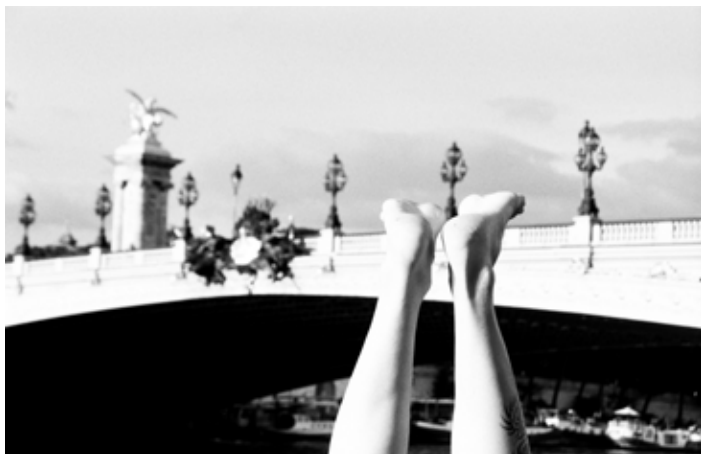
Sobre o deslocamento Um andarilho experiente carrega consigo apenas o que pode, deixando espaço para que o resto lhe seja ofertado pelo próprio caminho. Para se andar genuinamente é necessário estar leve. E talvez não haja condição mais difícil. Porque não estamos falando de como cobrir distâncias com pouca bagagem, mas de como residir no processo que o caminhar proporciona. Uma viagem não se distinguiria pela relevância objetiva dos lugares visitados, nem pela quantidade mensurável do movimento; mais do que se estar no espaço, se ser no espaço. Algo atingível quando nossa carga, nosso fardo intelectual é abrandado e cria-se uma qualidade de apreciação perceptual que se aproxima da inocência, do não julgamento, da contemplação. O caminho passa então a ser determinado pela intensidade de afetos, de propriedades do local; o cheiro, os ruídos, as cores passam a ser o mapa do peregrino e a direção é encontrada magneticamente por sua carne.





SERÃO LONGAS AS HORAS NO AVIÃO, MAIS QUE SUFICIENTES PARA LER E RELER ESSE BILHETE MILHÕES DE VEZES. ESSA NOTA TEM UM OBJETIVO BÁSICO: DESEJAR BOA SORTE NESTA NOVA EMPREITADA, MAS PRINCIPALMENTE Nesses primeiros dias em que NÃO VOU ESTAR AÍ PARA TE FAZER COMPANHIA E AJUDAR A RESOLVER OS PROBLEMINHAS QUE EVENTUALMENTE SURTAM. QUERO TE DIZER QUE TUDO O QUE ACONTECER SERÁ PEQUENO PERTO DO GRANDE PROJETO QUE ESTAMOS - ESTAMOS - PRESTES A CONCRETIZAR.

BOM, DE QUALQUER MANEIRA, O MAIS IMPORTANTE É QUE TE AMO MUITO E MESMO ANTES DA PARTIDA JÁ SINTO A MELANCOLIA DA SAUDADE TOMAR CONTA DO MEU CORAÇÃO. QUERO DIZER TAMBÉM QUE MESMO AQUI, DISTANTE, VOU PENSAR MUITO EM TI, LEMBRAR A CADA DIA TODOS OS OUTROS DIAS QUE PASSAMOS JUNTOS. É QUANTO A CONTÉ SE REENCONTRAR, DAQUI A TRÊS SEMANAS, TUDO SERÁ AINDA MELHOR PORQUE ESTAREMOS COMEÇANDO JUNTOS UMA VIDA QUE TALVEZ SE PROLONGUE PARA SEMPRE. UM FÉLIZ BEIJO, GUP.



05 Os dias têm estado tão lindos! Mas hoje, apesar de iguais aos outros, sinto que no ar há uma tristeza, um quê de melancolia e saudade avolumam-se dentro do meu peito. Queria, quero ter-te aqui comigo, então poderíamos juntos admirar estes dias de maio. As noites são bem frescas e enluaradas, aconchegantes e eu me sinto tão só... sem teu amor... na solidão...

Boa noite, querido.

26 Hoje estou tão sensível. Só tenho vontade de chorar. Lembro-me de ti, de nós dois e sinto aquele vazio que desespera. Almocei sozinha. E assim vou vivendo. Mais das recordações do que do presente, pois recordando encontro forças para seguir esta malfadada vida.

Boa noite, amor, e perdoa minhas queixas.

07 Dia claro, bonito, mas ventoso. Vento que torna o dia triste. Estou tão saudosa, amor, tenho desde ontem e outros dias chorado muito! Que falta me fazes. Falta em todos os sentidos. É uma saudade tão grande.

10 Parece que só falo contigo quando estou só, e é mesmo. As horas se arrastam lentas e desoladas. E eu pensei que conhecia a saudade, agora sim, conheço-a, se a conheço! O que eu não daria para ter-te junto a mim. Sabes que te espero? Parece que ainda vais chegar. Sei que não é possível. Vontade de ir ter contigo, busca-me, amor. Vontade de sentir teus beijos, teu carinho. Só a solidão e a saudade me fazem companhia. Apenas o silêncio me envolve. Sinto-me sobrar no mundo. Preciso tanto de alguém como tu. Preciso de ti.

Boa noite, meu amor!

12 Seis meses – Choro tanto!
Não existe expressão que traduza minha dor, minha saudade. Sinto tamanho vazio e solidão na alma que custa-me a viver.

20 Sábado, tão nosso!
Manhã de sol, fresquinha e sem pó. Teus sábados eram assim; esperançosos. Olho a rua, tudo sem ti, fico a lembrar nossa vida e sei que a alegria para mim terminou. Boa noite, meu amado.

08 Meu amor... são quase nove e meia da noite. Uma lua cheia clareia todo o céu e a noite tornou-se clara. É setembro, sábado e estou só. Estou sem ti, amor. Que angústia, que vontade de reclinar minha cabeça sobre teu ombro e ficar contigo sentindo a beleza da noite. Mas não estás ao meu

lado, é tudo vazio em torno de mim. Já não posso ver-te nem beijar-te, somente lágrimas beijam meu rosto e choro, choro tanto...

Partiste, não, levaram-te, também não. Só uma força incomensurável separou-nos. Sei que por vontade tua jamais me deixarias e ninguém conseguiria roubar-te de mim... amávamo-nos tanto... quem sabe era pecado amor assim aqui na Terra e então nos separaram... mas só os corpos... sinto tua presença.

Tarde quente, céu azul, primavera. Saudade, imensa saudade. Não sei defini-la. Saudade de ti, de teus olhos, de tuas mãos que tanto me acariciaram, saudade de teus beijos, de tua voz, de teu riso, saudade de ti, meu amor. Uma brisa suave entra pela janela, soprando minhas lágrimas. Ainda este ano, no verão me disseste que "quando morrer, estarei onde a brisa estiver". Senti que estás comigo, que ficas triste por teres me feito chorar. Eu não estou mais triste, só com saudade.

Porque não vejo alegria na vida, gostaria de não viver. Quisera falar contigo; falo e não me escutas, pergunto e não respondes, onde estás? Talvez me escutes, mas não ouço tua voz, se me respondes. Qual a distância que nos separa?

Este fim de semana nem falei contigo, apenas pensei muito, muito mesmo. A vida continua em rotina, mas no meu coração e em volta de mim há um vazio que não tem remédio, e eu sofro. Que falta me fazes, e tua ausência é em todos os sentidos uma angústia constante. Sinto-me tão pequenina, ante o mundo, sem tua proteção, sem teu carinho, sem teu amor. Boa noite (vontade de beijar tua boca).

Acordei com o espírito leve, pois tive a felicidade de sonhar contigo. Fez-me tanto bem! Vieste ao meu encontro e passamos horas juntos. Senti teus lábios beijando-me e tivemos momentos tão felizes. Lembro-me perfeitamente dos lugares onde andamos, o que fizemos, o que falamos. Posso dizer que realmente estivemos juntos, embora fosse um sonho apenas...

Pouco tenho te falado, pois é sempre a mesma saudade, a tristeza e a dor. Bem sabes que meu pensamento de todas as horas é teu, sempre teu, meu amor. Estás presente em todas as coisas e a todo momento penso em ti. Que importa tudo mais?



Reservado / Réservé

Tem um metrô mais perto, são **15h17**.

Caminho da Cité Internationale des Arts até o *Jardin de Luxembourg*, passando pelo Boulevard Saint-Germain – este das lojas de quadrinhos, jogos de cartas, RPG, com pequenos bonecos de todas as histórias que já li e de outras que não conheço. Perco-me pela rua, vagando pelas revistarias, entre uma história e outra, gasto um pouco de meu tempo neste passeio, prolongo minha caminhada.

16h27, o jardim está cheio, com poucos lugares para sentar. Cadeiras à sombra, o sol está forte, pessoas lendo, dormindo, tomando sorvete. Preciso achar primeiro um bom ponto de observação, que me coloque em um lugar privilegiado em relação ao banco, placa e todas as outras coisas. Creio que se trate também de construir um ponto de vista, demarcar um ângulo através da captura das imagens. Mas, ao mesmo tempo, manter a mente, os sentidos abertos a tudo que é periférico. Talvez seja esse o lugar da escrita, o lugar da obra. Este ponto cego, um pouco atrás de nossa cabeça. O banco está bem localizado à beira de um passeio. Meu ponto de observação também é bom, fica um pouco para lá, uns seis metros em diagonal. Vou registrar a placa pela sua parte traseira, uma visão indireta. Observo meu entorno, escuto atenta os rumores do parque, carrinhos de

bebê, restos de pombos sobre o banco. O fluxo é intenso, é preciso esperar o momento certo. Um senhor está parado na minha frente, é preciso esperar. Sorvete em dia de verão, bola amarelo-manga, bola uva, casquinha, um casal de blusa azul-marinho, cabelos grisalhos. Copas de árvores, verde vivo e uma pessoa falando longe. Eu aqui, próxima a este banco reservado para casais e seus pequenos prazeres.

Concentração.

17h30, após alimentar as pombas conquistei a simpatia da senhora que repousa à minha frente. Ela já me dirigiu diversos olhares e sorrisos simpáticos de aprovação. Na saída despedi-me e ela retribuiu gentilmente: Pombas ao sol têm barriga quente.

Preciso achar outro ponto de observação.

19h02, caminho para casa.

Poucos pensamentos precisos acompanham-me. Quase uma errância em ideias. Nada me ocorre no momento, apenas caminho por entre as pessoas, passos rápidos pela rua cheia. Ônibus, lojas com promoções de sapatos. Caminhar pela cidade é perder-se um pouco em meio à multidão, é ser mais um outro. A cidade tem sua trama já estabelecida, suas vias, saídas e chegadas, tem seu fluxo e direções. Seu MODE D'EMPLOI, porém, são os usuários que refazem e desfazem esses caminhos.

23/7/2003, quarta-feira, 15h.

Tudo pronto! Caminho para o Jardin de Luxembourg outra vez.



Busco o local de minha inscrição, mas chegando lá percebo que a placa já fora retirada.

Me encontro no Palácio das rainhas.

16h05, cadeiras com boa localização, vista direto para o banco em frente.

É preciso apenas ajeitar a câmera. Começo a preparar a placa para a sua fixação, o banco está sujo. Colo a placa.

Diversos sons se propagam pelo ar, músicas de celular, brigas, risos e preguiça. Dois meninos pequenos jogam futebol.

No perímetro do parque portões de ferro cercam o terreno: detalhes dourados nas lanças.

17h13.

17h27, malabarismos, piruetas, pássaros batendo asas nas copas das árvores, barulho de asas contra as folhas. Troca de roupa no gramado, terno, sapato, camisa, meias brancas, então bermudas, camisetas, tênis. Dia de poucas palavras: mochila cinza, maleta preta, disco vermelho arremessado longe... Escapou.

17h40, tenho pensado sobre o registro destas ações. Inquieta-me perceber que o caminho que as imagens estão tomando diverge daquele que inicialmente planejei. Procuo assinalar, ou melhor, dar um outro significado àquele espaço configurado pelo banco. No entanto, a resposta que venho recebendo indica algo de cômico nestas ações. Lembra aqueles programas de TV em que pessoas caem em pequenas armadilhas registradas por câmeras.

É preciso pensar em como modificar esta associação e direcionar o foco do olhar para uma outra reflexão, que fale de uma interdição e da tentativa de subverter um sistema que é dado *a priori*. Um sistema que espelha a trama da cidade.

27/07/2003, domingo, 14h38, calçada de asfalto, árvores cercadas com ferro sobre as raízes. Dia de sol e chuva, cheiro de terra e grama molhada, sensação de leveza. É como ter o espírito solto dentro do próprio corpo, espaço interno que, pouco a pouco, preenche-se de alegria.

Inscrição no chão:

“... perdre sa vie
à la gagner...”

Caminho de pássaros, quando um cachorro abana o rabo é sinal de felicidade da mesma maneira que aprender é roçar os limites e o desconhecido.

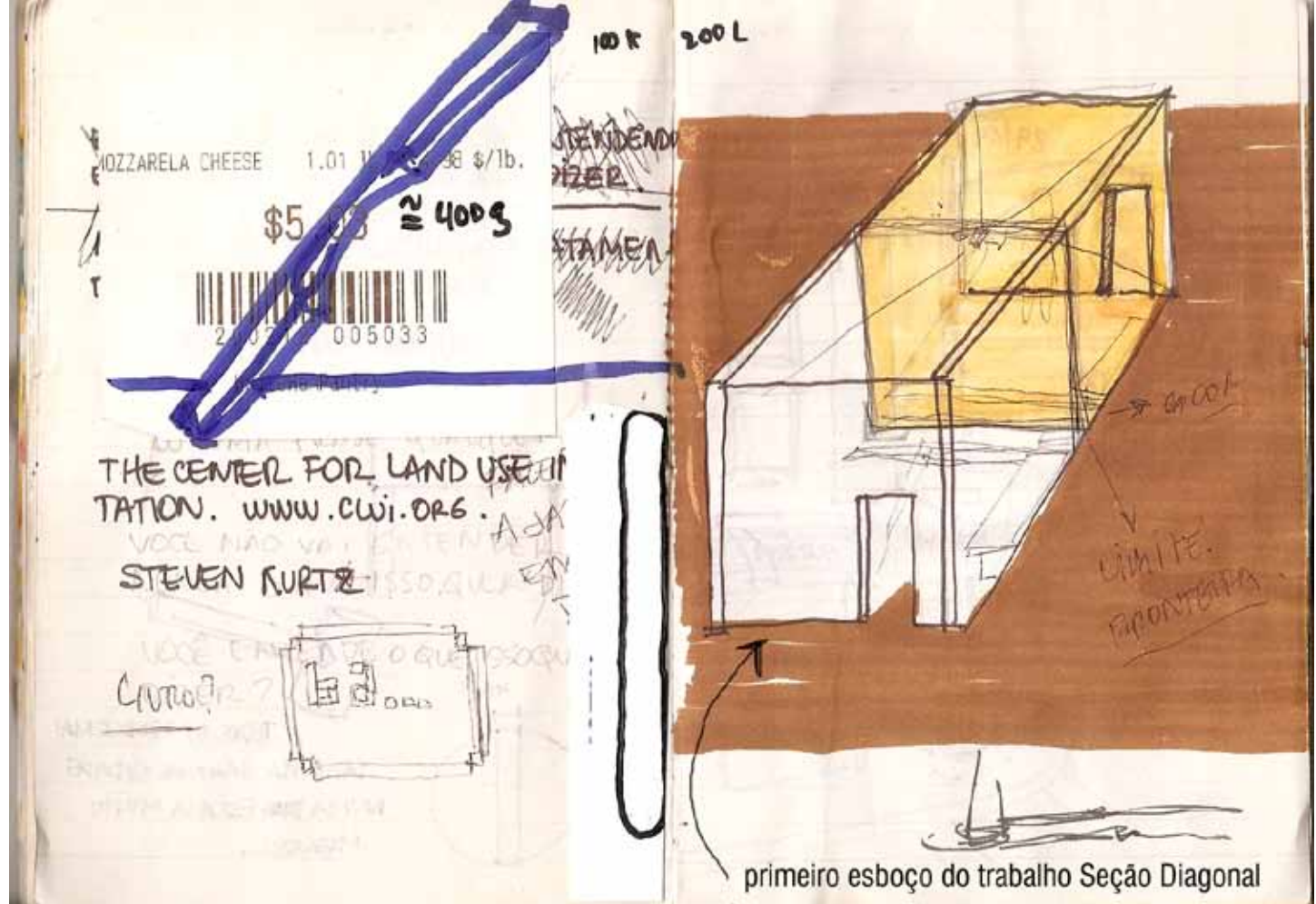
Voo rasante...

Peso de pluma paira, duração relativa à sua atração gravitacional. Um tempo que é a resistência do ar, densidade e sopro.

Por vezes é preciso aguçar os sentidos e buscar o que existe de mais tátil no mundo, como uma pulsação... Por alguns momentos aderir às coisas, pés sobre a terra.

Respiração a plenos pulmões.

Céu cinzento é prenúncio de chuva.



Meus cadernos são lugares a que sempre recorro para começar uma nova pesquisa, são caóticos pois não têm cronologia, desenho várias vezes por cima, faço anotações, colo lembranças de viagem, mas a partir das experiências das residências isso virou uma prática quase diária para organizar e amadurecer os projetos.

Quando cheguei em Chicago, logo no primeiro dia tive uma reunião com a diretora do Visiting Artists Program, que era um departamento que promovia encontros semanais com artistas em torno de um tema que mudava semestralmente. Uma espécie de curadoria de palestras aberta para discussão e participação dos estudantes de arte da School of the Art Institute of Chicago. O tema das conversas era Mapping-Culture-border-hacking e me interessou muito. Durante os três meses da bolsa participei de encontros com artistas como Tina Barney, Emily Jacyr, Coco Fusco, Mark Bredford, entre outros tantos. No decorrer desse período percebi que já tinha ido para Chicago com um projeto pronto, já resolvido, sem riscos a correr, e fui me distanciando dele aos poucos. A prática do desenho já era importante em meu trabalho, nem sempre como produto final, mas como uma maneira de organizar o pensamento antes de finalizar um trabalho ou uma série de trabalhos. Nesse período, produzi uma infinidade de desenhos em pequenos cadernos, fotos e anotações que foram ponto de partida para muitos trabalhos que venho desenvolvendo até hoje. A sensação que ficou é que a residência foi no meu caso ideal para escapar do lugar onde o trabalho se acomoda confortavelmente e repensar, absorver e poder ter um tempo para experimentar, projetar e desenhar.



Flyer, 2004/2005

Essa foi uma série de trabalhos que desenvolvi em Chicago e finalizei no retorno a São Paulo. Num dos percursos que costumava fazer a pé, existia uma parede de madeira onde se fixavam informações diversas: ofertas de emprego, convites de festas, vendas de instrumentos musicais, shows, anúncios geralmente ligados a música. Depois de passar algumas vezes notei que pela manhã retiravam tudo e começavam novamente a ocupar aquele espaço com informações do dia. Esse movimento diário e principalmente o resto das informações que sobrava quando eram removidos os anúncios defasados me motivaram a começar a registrar o painel pela manhã, antes de receber as informações atualizadas. Me interessava pela composição dessas sobras de informação e pelo desenho do acúmulo dos grampos sobre a madeira.



O projeto para meu período em Chicago partia de uma série de trabalhos chamada "backlight" onde eu andava em busca de esqueletos de letreiros luminosos de estabelecimentos falidos, fotografava essas estruturas, algumas vezes eu conseguia levá-las a um estúdio para uma foto com maior controle técnico e depois construía uma caixa nas mesmas medidas como suporte para essa foto. Esse projeto me parecia muito adequado para um período nos EUA, pensar as possibilidades que poderiam surgir e descobrir como esses elementos aparecem em um contexto econômico e cultural diferente.

Considero essa experiência em Chicago uma das poucas oportunidades que tive de parar e repensar a produção, de criar espaço para troca franca com artistas de práticas e lugares diversos e poder expor meu trabalho em encontros e na palestra que fiz no final da estada. Esse resultado no meu entender é infinitamente mais produtivo do que se eu tivesse levado à risca meu projeto e tivesse voltado cumprindo minhas expectativas prévias sem absorver o que uma experiência como essa pode oferecer.

ECOS DE UMA TRAVESSIA DETERMINANTE

Bolsa Iberê Camargo 2005 em colaboração com The School of the Art Institute of Chicago

Quando penso em Chicago ressurgem a lembrança de um encontro que me marcou. Esse encontro ocorreu cinco ou seis meses após o término de minha residência com a Bolsa Iberê Camargo, ocasião na qual morei na cidade do *midwest* norte-americano entre os meses de setembro e dezembro de 2005. Em julho do ano seguinte fui convidada para lançar o filme que eu havia realizado durante a residência, no auditório da Pinacoteca do Estado de São Paulo. No apartamento de Ivo Mesquita, em junho de 2006, assistimos à primeira montagem do filme. O curador

No ano seguinte fui estudar antropologia visual em Londres e não pensei mais nisso. Hoje a recordação me faz sorrir: não sei bem como, mas Ivo sabia o que dizia – *Roamless* é exatamente isso, um trabalho de transição. Não menos por causa disso, ao contrário, esse projeto é emblemático da importância que atribuo à Bolsa Iberê Camargo. Graças à liberdade que é confiada ao artista selecionado, torna-se possível viver uma situação de experimentação raramente alcançada em outras circunstâncias. São três meses de vivência artística/poética



disse: “Veronica, acho que este é um trabalho de transição para você”. Senti um nó na garganta, que em instantes descia rumo ao encontro de um buraco no estômago. Seis meses colada a uma ilha de edição, quebrando a cabeça num quebra-cabeça sem resolução em função de serem tantas as possíveis soluções, pensava eu naquele momento, para chegar a isto, a um mero “trabalho de transição”? Quis morrer. Havia ainda um mês, 30 dias para polir esse primeiro rascunho audiovisual, para continuar a exercitar o domínio desse software de edição da Macintosh, a primeira vez que eu usava o Final Cut, pois aprendi a editar com esse projeto. E não era um curta de um ou dois minutos, era um longa, de 57 minutos e 6 segundos. Já não me lembro quanto diferente ficou a versão final do rascunho que ganhara o diagnóstico de classificação pouco satisfatória. Mas certamente a opinião de Ivo permaneceria a mesma.

pura, despreocupada com a cotidianidade de contas a pagar, trabalhos paralelos que desviam o foco da atenção artística, ou da exigência de estruturar uma exposição conclusiva. A Bolsa Iberê Camargo me permitiu um mergulho de caráter experimental que terminou marcando o meu olhar e enriquecendo a complexidade de uma problemática específica ao meu trabalho, a qual, até então, eu não entendia bem, não sabia ao certo de que maneira resolver: como posicionar-me em termos artísticos num trabalho que busca cada vez mais o lugar do encontro entre o artista/autor e o outro. Hal Foster problematiza a história desse difícil espaço em um dos ensaios mais importantes do fim do século XX, titulado “O artista como etnógrafo”, no qual atravessa os equívocos colonialistas da antropologia, as tendências compensatórias da “fantasia primitivista” da psicanálise e a apropriação descomprometida da realidade social por parte do novo modelo de artista engajado com o real.

De setembro a dezembro de 2005, em Chicago, tomei a oportunidade única de liberdade econômica e artística para me lançar na complexa trama social da cidade. Pensei um vestido-abrigo como dispositivo diferencial, e disparador artístico – uma espécie de parangolé inspirado tanto no Hélio Oiticica como nas experiências sensoriais e corporais de Lygia Clark. Esse vestido, criado pela stylist Maria Eduar, seria fusão e distanciamento, proteção, abrigo e, ao mesmo tempo, objeto de autoexposição, espécie de veículo sem rodas. Chamava a atenção do

um projeto não governamental fundado por um ex-presidiário numa comunidade da zona leste de São Paulo. A ideia de criar uma roupa com esse material foi inspirada, por sua vez, num indivíduo chamado Sr. Raimundo que vive há mais de 20 anos na mesma ilha que divide duas vias de trânsito intenso na capital paulista. Autodenominado “O Condicionado”, Sr. Raimundo confecciona as próprias vestimentas a partir de bolsas plásticas, sacos de rafia e cartão por ele reciclados. Eu o observava com intriga desde criança no trajeto diário a caminho da



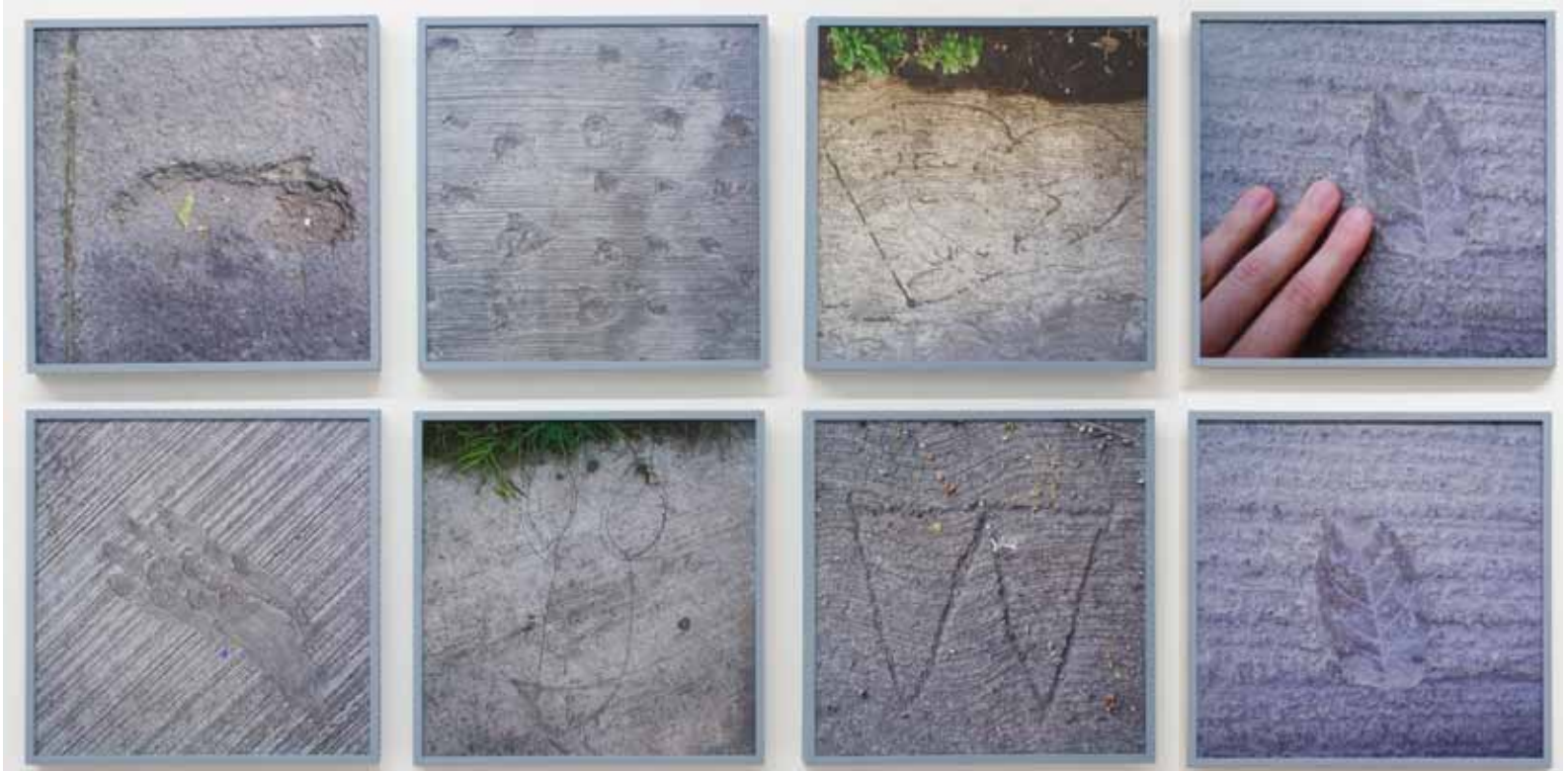
outro, de tantos outros, todos os outros sendo outros apenas por não serem eu, outros fundidos num só outro sem a maiúscula da antropologia. O filme-experiência que titulei *Roamless*, palavra inexistente na língua inglesa que formei utilizando os termos “to roam” (vagar, perambular, o qual pressupõe um deslocar-se sem rumo) com o sufixo “less” (-des), propondo, assim um autocancelamento paradoxal do próprio termo, apontava à noção de dêsvagar – aludindo à experiência de vagar a esmo pela cidade e periferia de Chicago tendo como único destino previsto a própria trajetória.

Esse “exercício experimental da liberdade” brindado pela Bolsa me permitiu reunir uma série de interesses e preocupações que eu vinha pesquisando em diversos campos. O vestido-abrigo é feito de um feltro de baixo custo utilizado na confecção de cobertores destinados à população carcerária e de rua; na época eu prestava uma consultoria artística em

escola, não apenas pela peculiaridade de sua opção de moradia (por que não escolhera um canteiro menos exposto à intempérie, ao barulho e à ferocidade do trânsito que lhe aflige de ambos os sentidos?), mas por sua criatividade e originalidade – afinal, que outro ser cria um vestido de rafia e um chapéu de sacos plásticos com tanto esmero e autenticidade? Antes da residência em Chicago realizei uma animação fotográfica com Sr. Raimundo, e após o mestrado em Londres, concluí a biografia sobre o ex-presidiário, livro que eu começara a escrever em 2003.

Difícil prever o caminho que eu teria trilhado sem a residência da Bolsa Iberê Camargo, mas sei de fato que essa instância “de transição” foi altamente determinante na pesquisa que persiste até hoje, como desafio artístico, linguístico, social e político – pesquisa “antro-poética” que situo no espaço do encontro entre o estudo antropológico do ser humano e a percepção poética do sensível, e das realidades que nos rodeiam.







BUENOS AIRES, El Basilisco, outubro de 2006

I As primeiras duas semanas foram de chegada e reconhecimento (do time e do campo).

PARTE Somos três artistas residentes: Sara (brasileira), Anu (finlandesa) e eu (argentina/brasileira). Além de nós três, mora na casa (permanentemente) Alejandro, artista argentino que ajuda a organizar a residência. E estão também Cristina, Tamara e Esteban, como vocês sabem, os três artistas que administram a projeto.

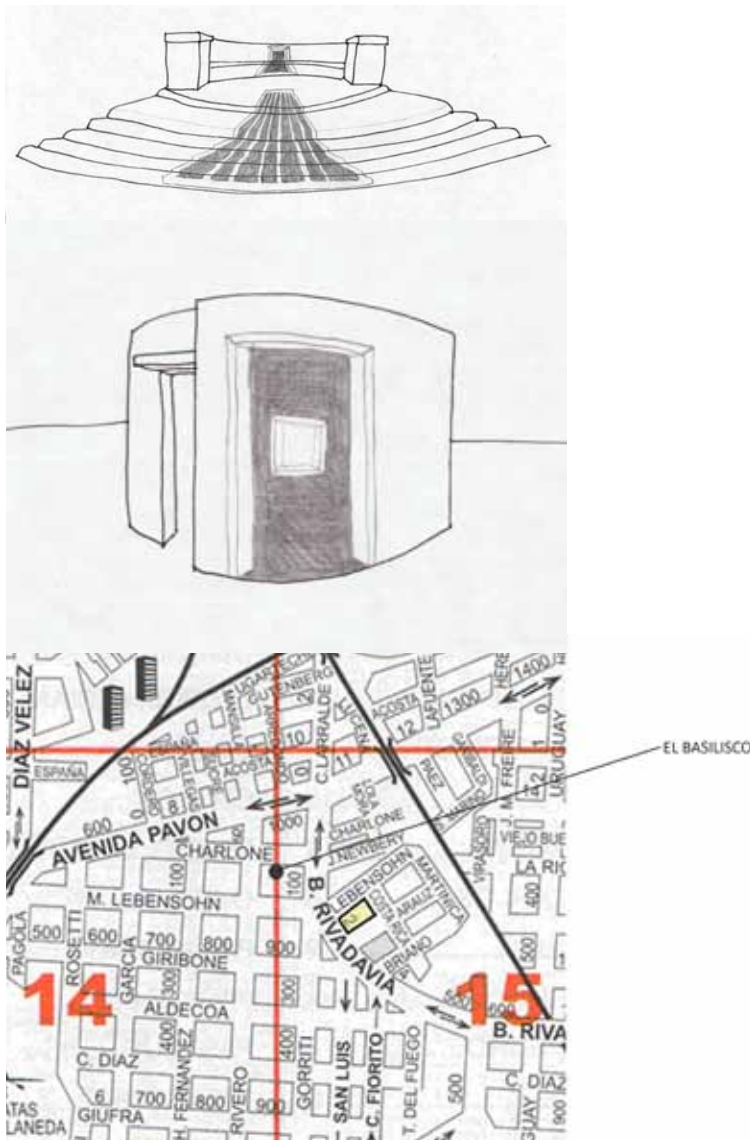
Avellaneda é um bairro da Grande Buenos Aires, muito próximo do centro fisicamente, mas muito distante na maioria dos aspectos. A vida aqui é muito calma, no horário da *siesta* o movimento é quase nulo no bairro, as lojas fechadas, as janelas das casas fechadas e o barulho fechado dentro de um silêncio sepulcral que, somado ao calor sufocante dos dias de sol intenso de verão, nos remete aos filmes de faroeste americanos.

El Basilisco é uma casa antiga, grande, com um maravilhoso pátio interno, dois andares com ambientes de pé-direito alto, uma cozinha imensa e um ateliê ainda maior, onde convivem muitas diferenças, algumas questões compartilhadas e alguns segredos.

Após dar algumas voltas pelos arredores da casa, comecei a mapear a região, coletar endereços e fotografar locais "ocupáveis". Comecei a organizar algumas possíveis intervenções. Este reconhecimento do local me permitiu também ter ideias novas e adaptar as expectativas a outra experiência vivida no dia a dia e às surpresas encontradas pelo caminho.

Tenho agora um par de propostas como início do mapeamento, que consiste por enquanto em alguns circuitos de intervenções. Cada circuito contém mapa com localização, descrição básica do local e algumas fotografias dos pontos escolhidos.

Por ora as coisas caminham muito bem, os planos são ótimos e os tempos adequados.





BUENOS AIRES, El Basilisco, novembro de 2006

PARTE II

Oitava semana, muitos dias quentes, clima de natal se aproximando, várias exposições abrindo, gente que vai e vem, lá fora e aqui dentro da casa. Agora somos mais habitantes, argentinos, brasileiros, colombianos, finlandeses, islandeses. Na casa fala-se uma língua universal, semi-compreensível.

Os critérios do trabalho foram mudando, as formas foram mudando, as escolhas, os modos de operação. O dia-a-dia modificou o percurso, mudou inclusive alguns objetivos. O trabalho chegou um, em planos, e sai outro, na prática, felizmente; o que prova que tudo isto é algo vivo, é um mecanismo, parte de um organismo que anda, se desloca e se transforma.

O meu trabalho fugiu do esquema, fugiu da casa, está solto pelas ruas. Quatro desenhos: dois na praça do bairro; um na esquina mais próxima à casa; um na porta da própria casa. Para mim, intervenções em locais públicos, lugares de passagem, na cidade, que é de todos e de ninguém. Para uns, grafite, para outros, pichação. Ainda para alguns outros, espero, um acontecimento de quebra, um ponto que não encaixa.

Pelas paredes do bairro, declarações de amor, ataques à política nacional, piadas, palavões. E paralelo a tudo isso, intervenções sobrepostas, desenhos que não acabam de identificar-se como grafites, sugerem apenas alterações no cotidiano, inclusive no habitual das próprias pichações.

Uma história: a estação de trem de Avellaneda tem uma decoração estranha, parece ser toda pichada, mas após uma observação mais detalhada percebe-se uma ocupação do local, uma ocupação coerente e racional. Há textos colados pelas paredes, pichações provocativas, de memória, de crítica. Com a minha idéia inicial de ocupar também a estação, fui à procura do significado de toda aquela informação reunida. Soube que uns anos antes foram assassinados pela polícia dois rapazes que se manifestavam contra a política nacional, dentro do contexto pós-crise. Após este acontecimento apagaram o nome da estação em todas as placas, e esta ganhou um novo nome: *Dario y Maxi* (os nomes dos rapazes). Decidi respeitar uma história que não era minha, a estação é um tipo de monumento. A outros cabia ocupá-la, não a mim.

Ocupar as cidades que nos pertencem, nos habitam. Fazer declarações, mesmo que anônimas, em voz alta, aos gritos pelos muros da cidade. Essas são ações políticas. Diretas ou indiretas, podem ser propostas dentro de qualquer âmbito de discussão, mas são basicamente ações políticas.

Ocupar a cidade, deixar claro que ela nos pertence: não aos artistas, aos assassinados, aos abandonados, aos amantes, aos bons ou aos maus, mas às pessoas. Para nós, foi construída a cidade, para que a habitemos, para que por ela circulemos. Ocupá-la é torná-la nossa novamente. É voltar a sentir que ela é a nossa casa.

Vejo agora um novo caminho que se desenha. Dou um passo, faço uma ação que acredito ser política: a apropriação do espaço público pelo próprio público, a ocupação do que é de todos, mas tornou-se de ninguém. Uma ação anônima, uma invasão noturna à cidade que nos foi seqüestrada. Um amanhecer com mais um grito presente.

As ações anônimas transformam a ação de um na ação de muitos. Assim, a ação de um se transforma na reação dos outros, na ação de complemento, de soma, ou na ação de resposta, de confronto. A ação multiplicada. Um passo em direção à vida real.

E por fim, esta intervenção mostrou para mim mesma que é possível manifestar-se política e publicamente. E estou satisfeita de ter dado este passo aqui, somando as minhas histórias de vida, convivendo com angústias geradas no cotidiano de uma cidade como São Paulo e trazidas para este país que ensina também que é possível ser politizado, das mais diversas maneiras.

Contato.

Estar só. Essa talvez seja a situação que mais me impressionou em minha estada em Chicago. Mas não era só eu que estava só, para um brasileiro é estranho notar como podem ser vistas pessoas sozinhas nas ruas, bares, restaurantes, museus... Contrariamente ao que acontece aqui no Brasil, onde uma pessoa só sentada num bar ou restaurante desperta-nos na mesma medida estranhamento e piedade, estar só na cidade do vento é comum e não há nada de estranho nisso.

Saudoso desse gregarismo brasileiro e louco que estava para tomar umas boas cervejas, já que nunca bebo sozinho, me vi diante de uma caneca de uma ótima cerveja devorando um excelente hambúrguer, e o mais incrível de tudo: achando tudo muito bom – incluída a falta companhia.

Decidido a não pegar o primeiro que conhecesse para servir de contraponto às minhas ansiedades e desmedidas, tive muito tempo para ouvir, ver e viver sem precisar fazer registros vocais imediatos de minhas impressões, o que me dava tempo para reflexões menos precoces.

Hoje, ao pensar nisso e olhando para trás no tempo, me parece absolutamente natural que tenha realizado os trabalhos “contact” e “first love”.

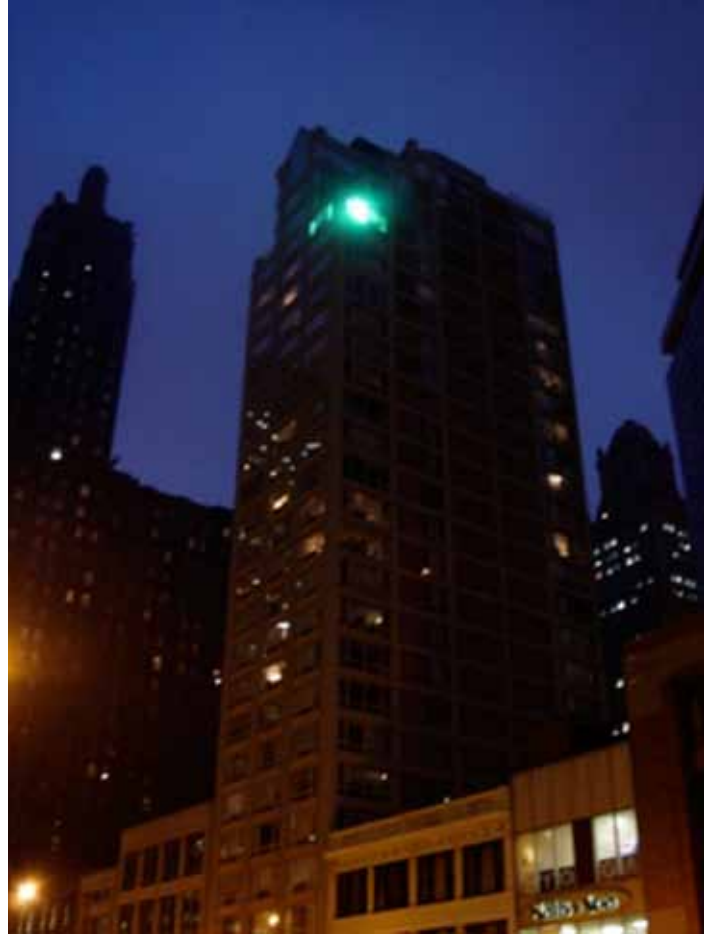
Embora tivesse problemas com as autoridades locais que não permitiram o uso de energia elétrica pelo tempo necessário para o derretimento completo da neve, consegui fazer esse registro ao pegar emprestada a energia das árvores de Natal do parque por alguns minutos. Espero conseguir em breve realizá-lo com bastante neve e tempo para fazer um filme de todo processo de derretimento. Tubo de ventilação, banco de praça, aquecedor e ventiladores

First Love – 2006



Contact — 2006

Pontuava o 24º andar do edifício na Michigan Avenue onde morei durante a bolsa. Embora a avenida fosse muito iluminada, a estranheza da cor verde fluorescente chamava bastante atenção. Luzes fluorescentes verdes



Fui convidado a fazer parte de uma pequena exposição em uma galeria que ocupava o baú de um caminhão que vinha de Nova Iorque para Chicago. A exposição tinha uma premissa ecológica, e como havia dez anos que ocorrera o acidente de Goiânia com a substância Césio 137, aproveitei a coincidência da cor da luminescência da substância e das luzes que utilizara na confecção do Contact para ocupar a cabine do caminhão. Luzes fluorescentes em cabine de caminhão

Cesium 137 — 2006





MÉGALITHES de BRETAGNE

LE GRAND PIERRE LAVÉ de KERAMPEULVEN

N 48°240.75' W 003°451.01'



relato da bolsa, experiência

Posso dizer que trouxe da França uma experiência marcante para a vida e para minha produção como artista. A oportunidade de uma residência artística em uma cultura diferente da que estou acostumado a trabalhar foi algo muito intenso e estimulante, abrindo um enorme campo de possibilidades para trabalhos futuros. A imersão artística realizada em Rennes produziu e ainda produzirá frutos que serão colhidos durante um bom tempo.

Em meu projeto, intitulado **le 48ème parallèle nord: paysage**, escolhi como ponto de partida minha própria experiência de deslocamento de lugar, espaço e tempo. Foram 15 dias de viagens na região da Bretanha – situada dentro do paralelo 48° – e depois mais 20 dias de trabalho na École des Beaux Arts em Rennes, onde o material recolhido foi primeiramente processado. Inúmeros recortes poéticos de paisagens e esquemas onde habitam questionamentos sobre o espaço e os limites estreitos entre o real e o fabuloso, o registro ficcional e o descritivo, foram vividos intensamente na tentativa de apreensão de uma determinada paisagem.

Foram 40 dias em que simplesmente me delicieei com a natureza em transição revelada nos sinais mais que evidentes deixados pelo outono. Voltei para o Brasil com um material bruto que foi e ainda será trabalhado – mais de 100 fotos polaroids, perto de 1.000 imagens em arquivos digitais que me servem de material bruto à espera da lapidação, 2 cadernos cheios de projetos e ideias, mapas, livros, cartões-postais antigos, diapositivos, textos e as séries de desenhos e fotos finalizadas na França.



Todo este material ainda me incomoda profundamente, pois alguns foram aproveitados para obras, já outros repousam numa angústia tremenda de não serem somente mais um souvenir de viagem ou então parte integrante da gaveta de projetos. Acredito que o mais importante nesse tempo todo foi poder realizar aquilo que sempre quis fazer: viajar. E pude assim ver que a exemplo da arte e do mundo, toda paisagem muda no paralelo 48, inclusive aquela que levo dentro de mim.



ENTREVISTA COM LAIS MYRRHA, AGOSTO 2010

Matheus, em 2007 você ganhou a bolsa do Instituto Iberê Camargo para uma residência no Blanton Museum em Austin, no Texas, com o projeto Drive Thru #1, um vídeo que, posteriormente, rendeu-lhe o Illy Sustain Prize em 2008, na Arco. Este vídeo me parece ser uma espécie de desdobramento da sua exposição Drive In realizada em 2006, na qual você cria um tipo de circuito ambíguo, uma zona movediça e sem saída que põe em xeque, dentre outras coisas, a própria noção de site specific. Essa tensão em relação à especificidade do site persiste no Drive Thru de forma mais irônica ainda quando você faz a “fronteira” passar pelo carro. Você poderia falar um pouco sobre isso?

Eu gosto de suspender as certezas, de criar uma articulação tal entre os trabalhos de forma que as referências das obras se cancelem mutuamente, criando um discurso silencioso, ambíguo. É como se eu apresentasse duas faces de uma moeda, mas que não se encaixam.

Quando estive no Texas me dei conta de que a fronteira é uma coisa absolutamente arbitrária, não só a física, como a social. Ela está em todo lugar. Ela é antes definida pela Lei do que pela geografia. A ironia com a especificidade de lugar é o caminho do trabalho. Quando expus o projeto inteiro, em Londres, as esculturas foram feitas com terra inglesa (a terra é uma matéria que não pode cruzar fronteiras, sua circulação é ilegal), o vídeo com terra americana e um grupo de fotos com terra brasileira. Visualmente dava no mesmo, a terra não tem nome, não tem especificidade. O caso das esculturas (mesas de apreensão) é exemplar: o que define sua especificidade é a lei que proíbe a circulação de terra entre países. Minha determinação artística foi *devolver a terra à terra*, pra usar as caras palavras do Hélio, deslocar o território, a lei, a referência.

Agora, quase três anos após sua residência, você continua a pensar o circuito e a circulação, mas adicionando elementos novos – o dinheiro e a televisão (que também são emblemáticos do sistema capitalista do século XX). Nos projetos Fundos Falsos I e II, a circulação tanto do





dinheiro quanto das imagens acontece num circuito fechado, como aquele das câmeras de vigilância que é um tipo de circuito paralelo, um circuito não oficial, ao qual, no entanto, o oficial (ou o legal) se rende e, mais do que isso, permite. Novamente você coloca em questão a arbitrariedade por detrás das convenções, mas agora aquela que rege os valores. Da mesma forma que a terra não tem especificidade, o dinheiro também não, no sentido de que ele passa a ser a medida como que universal com a qual se efetuam as trocas e a circulação das mercadorias. Como você relaciona estes dois elementos na sua obra?

Cheguei a esses elementos através da apreensão, um procedimento policial em que mercadorias são retiradas de circulação. A imagem dessa apreensão entra, porém, numa circulação midiática como um emblema da lei, há uma troca de circuito aí que acho bastante interessante. Quis transformar esse procedimento em um conceito, apreender também

significa pegar, entender. Assim minhas exposições tentam criar um circuito, onde a significação se dá entre as obras. Nos Fundos Falsos quis criar um espaço secreto, quase privado, onde o valor pode ser suspenso, o valor mesmo avaliado; em oposição ao espaço aberto, público da galeria. É como se o mais importante se passasse longe da atenção pública, num espaço subjetivo. Isso talvez se relacione com o movimento da terra no vídeo Drive Thru#1, onde ela ao mesmo tempo encobre e revela.



ELA ME PERGUNTOU POR QUE EU COMEÇAVA NA PAREDE DA DIREITA E NÃO NA DA ESQUERDA DO MEU NOVO ATELIER.



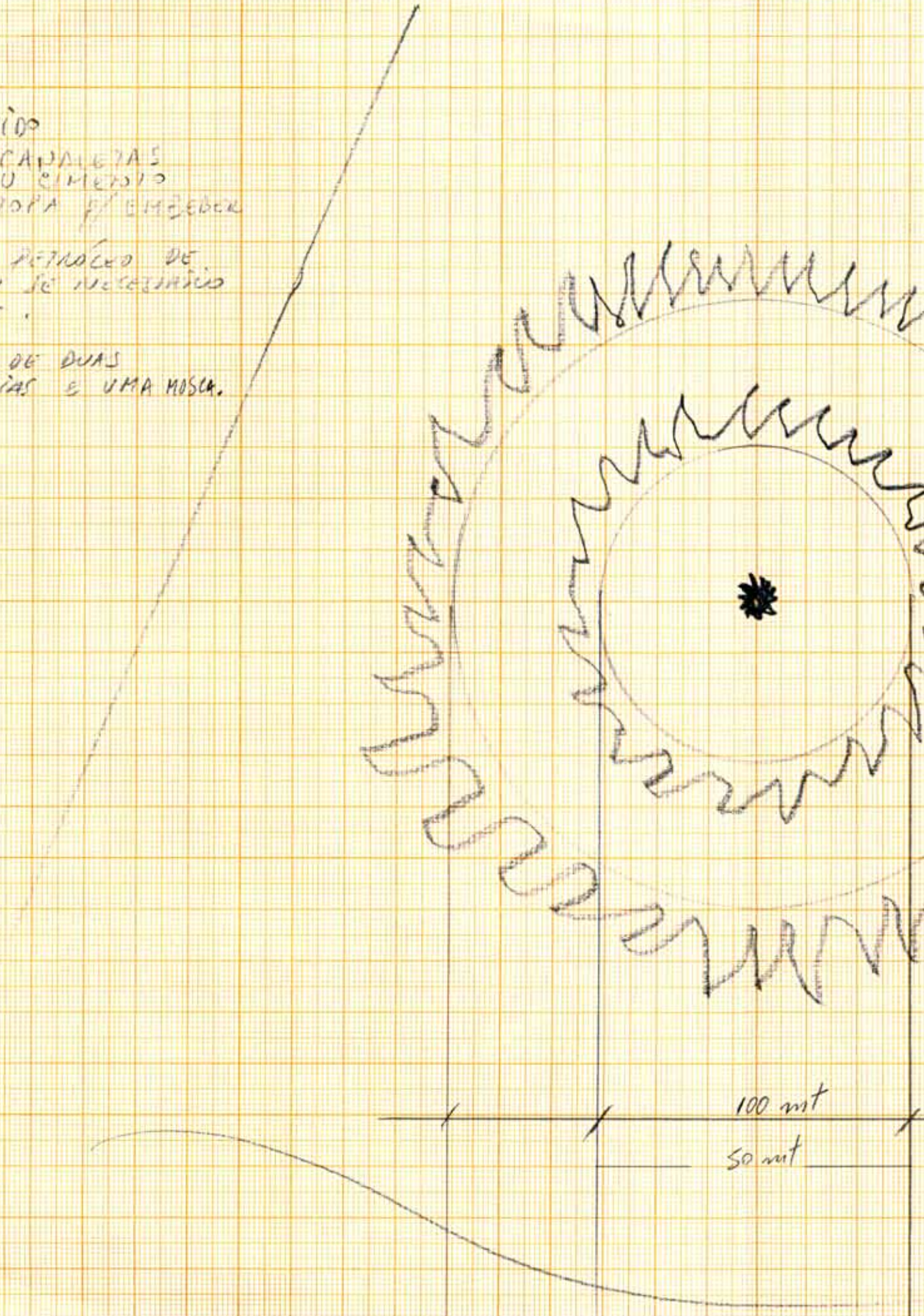
**PORQUE PENDURO MINHAS CALÇAS NA ESQUERDA
E NÃO GOSTARIA DE SUJÁ-LAS.**

ALVO FÁCIL

UM ALVO CONSTITUÍDO
NO CHÃO, COM CANALHAS
DE AMOIA E OU CIMENTO
DE TIPO DE ESTOPA P/ EMBEBER
EM PETRÓLEO.

UM BARRIL DE PETRÓLEO DE
500 LITROS OU SE NECESSÁRIO
2 X 500 LITROS.

O ALVO CONSTA DE DUAS
CIRCUNFERÊNCIAS E UMA MOSCA.



ALVO FÁCIL P/ SERNALVES - PONTO - R

Handwritten text on graph paper, possibly a name or title, written in a cursive style.

RONALD DUARTE - 2008



Rio de Janeiro - Porto

RONALD DUARTE

2008





Sobre a Residência em Buenos Aires **Interessa-me tratar aqui do prosseguimento de um trabalho iniciado na capital argentina envolvendo mais dois artistas.**

Na verdade este trabalho começa antes. O projeto que enviei para a Bolsa Iberê Camargo foi intitulado “Ações Colaborativas” e foi criado e inscrito para concorrer à bolsa em julho de 2009. Depois de selecionado para ser o artista enviado pela Fundação Iberê Camargo para o RIAA 2010¹, estava feita a proposição: Trabalhar ações em colaboração com os artistas com que conviveria durante minha residência portenha.

Voltando ainda mais no tempo, começo a experimentar este tipo de trabalho a partir do desejo de compartilhar experiências de arte com outros artistas com os quais tinha alguma convivência. Assim sendo, realizei alguns projetos em colaboração com artistas que como eu residiam e trabalhavam em Porto Alegre.

Todavia, a experiência que se relaciona mais diretamente com o projeto que elaborei para o RIAA 2010 é a participação nas dez edições dos Ateliês Abertos do Torreão². Nestas viagens tomadas como ateliês realizamos inúmeras experimentações em situações nas quais tínhamos dois deslocamentos principais:

- 1) deparar-se com uma condição marcante de paisagem
- 2) conviver com um grupo focado em realizar experiências de interesse artístico nestes locais

O desafio que me coloquei na transposição deste tipo de trabalho para o contexto do RIAA era o de empreender ações colaborativas que envolvessem artistas os quais desconhecia até então. Além disso, nesta situação incorporei outros cruzamentos evidentes que envolviam diferenças culturais entre os participantes e também nossas diferentes origens e idiomas.

O trabalho desenvolvido e apresentado em Buenos Aires foi denominado “Projeto Cavallitto” e se deu da seguinte forma:

Primeiro formei um grupo composto por mim, Sterling Allen (Texas), que era um dos meus colegas de residência, e Adrie Minolti (Buenos Aires). O bairro de Cavallito foi escolhido por sua característica predominantemente residencial e também por estar localizado no coração da área central da cidade de Buenos Aires. Esta região também se caracteriza por estar fora dos pontos turísticos da cidade. A seguir decidimos que cada um de nós faria um percurso pelo bairro durante um tempo máximo de três horas, no dia 16 de março de 2010. Os limites deste percurso foram marcados no

mapa da cidade. Cada um de nós deveria produzir um apanhado de 30 imagens fotográficas, sendo que no encontro seguinte apresentamos estas imagens ao grupo. A seguir, a mim foi designado produzir um texto sobre as imagens de Sterling, enquanto Adrie faria o texto sobre minhas imagens e Sterling faria seu texto sobre as imagens produzidas por Adrie. Ficou decidido também que os textos seriam escritos em nossas línguas originais e não seriam traduzidos. Ao final desse processo e com esse material produzido, fizemos a montagem que foi apresentada informalmente em uma das salas que nos foram designadas como ateliês de trabalho.

Dito isto, tratarei agora do atual desdobramento deste trabalho colaborativo iniciado na Bolsa Iberê em Buenos Aires. Desta vez o trabalho está sendo realizado por mim, Sterling Allen (Texas) e Diego Bianchi (Buenos Aires). A captação das imagens se deu no dia 18 de agosto deste ano. Cada um de nós se comprometeu a fazer as fotografias em uma área situada ao longo de uma distância de 200 metros da porta de sua residência. Depois disso farei um texto para as imagens captadas por Diego, que fará o mesmo para as imagens de Sterling. Já o texano fará seu texto para as minhas imagens. Este material de textos e imagens será apresentado na galeria do Goethe Institute em Porto Alegre, como parte de minha exposição individual, também selecionada por concurso público, cujo projeto se baseia em minha experiência no RIAA 2010.

Considero que minha trajetória na arte tem sido marcada por experiências variadas. O exemplo mais vivo que tenho a respeito disso é o de que meus trabalhos a serem apresentados na Exposição dos Bolsistas da Fundação Iberê Camargo não têm relação direta com essas experiências colaborativas. Os dois trabalhos que apresentarei no Museu são decorrentes de pesquisa em arte baseada na possibilidade de uma expansão do campo da pintura e sua apresentação. Todavia, está claro para mim que todas essas experiências que envolveram os trabalhos colaborativos e se fizeram na soma das trocas acabam por influenciar minha poética de alguma forma. Também é verdade que este fato enriquece sobremaneira minha vida e, consequentemente, minha produção como artista se nutre muito disso.

¹ RIAA – Residência Internacional de Artistas na Argentina. Acontece desde 2006. A edição da qual participei aconteceu de 7 a 20 de março de 2010 na cidade de Buenos Aires.

² Os Ateliês Abertos do Torreão foram atividades de intervenções em paisagem desenvolvidos em lugares como o Salar do Uyuni (Bolívia), Aparados da Serra (RS) e Praia da Ferrugem (SC) entre os anos de 2003 e 2008.



outubro/2009

PRÉ-PRODUÇÃO: O MAPA Reunião com a equipe do Blanton Museum of Arts (Ursula Davila-Villa, Leslie Moody de Castro e Xochi Solis) para produzir a viagem. Partindo do mapa optei pelo trajeto mais longo entre Austin e Paris para conhecer o deserto, local em que o personagem Travis (nome como raiz travel) foi idealizado por Wenders.

PRODUÇÃO: PRIMEIRA VIAGEM E FILMAGEM Durante a viagem eu realizava os primeiros cortes ao eliminar algumas imagens no aparelho. Na rodoviária de Dallas eu soube que não havia ônibus para Paris (200 km). Retornei a Austin, pois não me sentia segura de dirigir sozinha num país estranho naquele momento (primeira semana no Texas).

CORTE #01: REVISTA CANTANKER E EXPOSIÇÃO NO CREATIVE RESEARCH LAB DA UNIVERSIDADE DO TEXAS Participei da Revista Cantanker com uma sequência de fotografias e a entrevista/conversa com Xochi Solis *I have never been to Paris, but I heard it is nice!*

ROTEIRO: O PROJETO O filme *Paris, Texas*, de Wim Wenders, referencia o projeto Austin ↔ Paris: um ruído entre Jane e Travis . O projeto consistia na realização de um vídeo com câmera de um aparelho celular, a partir do ponto de vista do passageiro de um ônibus, durante o deslocamento de Austin até Paris no Texas.





novembro/2009

CORTE #02: BRAZIL WEEK No início de novembro participei de uma mesa no evento Brazil Week, organizado pelo Brazil Center na Universidade do Texas. A questão nesta etapa do projeto era narrar a experiência e esbarrar com a fricção entre o roteiro e a viagem. No final da palestra do Brazil Center, André Franca, brasileiro, e a Leslie de Castro, americana, me abordaram no café e sugeriram Let's go to Paris! Sugeri que levássemos o vestido de 3 pontas para Paris.

CORTE #03: O BLOG Enquanto organizava com Leslie e André a próxima viagem, produzi um trajeto virtual no blog. Atualizava o blog diariamente e reunia as duas viagens no relato no espaço virtual.

DECUPAGEM Durante o período de residência eu morava sozinha num apart hotel no centro da cidade. No intervalo entre as viagens eu freqüentava a Biblioteca da Universidade. Paris, no filme de Wenders, é o local mítico que aciona o movimento do personagem Travis. A viagem com os seus deslocamentos se iniciou na minha primeira semana em Austin e terminou na penúltima. A equipe do Blanton favoreceu o meu encontro com pessoas do local articulando a minha participação em eventos e entrevistas. A cada encontro ou evento como Revista Cantanker, Brazil Week, blog durante o período de residência a experiência da viagem reinventava-se num outro suporte.

dezembro/2009

PRODUÇÃO: SEGUNDA VIAGEM E FILMAGEM Era domingo quando eu, Leslie e André acordamos em Paris para um breakfast, num bar com motoqueiros e famílias que tinham ido a missa naquela manhã. O vestido colorido com três saias, cada uma com dez metros de diâmetro, foi o traje do café da manhã que foi pago por um dos clientes do bar.

CORTE FINAL E EXIBIÇÃO Apresentação do vídeo no auditório da Fundação Iberê Camargo.



The Iberê Camargo Bursary occupies a very privileged position: half way between the past and the future. Established in honour of Luiz Aranha, Iberê's patron at the start of his career in Rio de Janeiro, it aims to preserve the memory of the encouragement given to the artist and at the same time recognise the importance of the training and development of young artists. It thus fulfils a dual objective of honouring the past and fostering the future.

Created in 2001, the award is now established as one of the most significant and respected in the field. It currently accepts applications from young Brazilian artists who submit portfolios for analysis by a jury of visual arts specialists. Following critical examination and discussion of the proposed projects, the jury then indicates which artists will be sent for a period of development at an international centre of art, which will take part in the Iberê Camargo Foundation Print Studio Invited Artist Programme, and which will be featured on the institution's website. A complete web of connections is thus created, which not only disseminates current Brazilian art research but also maps and documents it.

Dissemination, mapping and documentation of contemporary Brazilian art production are also some of the objectives of the *Bolsistas 10 anos* [10 years of bursary holders] exhibition. Curated by Jailton Moreira, the exhibition brings together 14 artists selected for the programme since 2001, and continues a systematic process of critical reflection on the results achieved since then. Jailton Moreira is concerned with indentifying how the Iberê Camargo Bursary has influenced these artists' careers, and has therefore engaged in deep and comprehensive research into their works, visiting the artists' studios and selecting key works for constructing an overview of the first ten years of the Iberê Camargo Bursary.

This decade of accompanying and supporting young Brazilian production has only been possible thanks to the constant support of nine institutions and their dedicated staff. The Iberê Camargo Foundation therefore wishes to thank the Art Institute of Chicago (USA), the Blanton Museum of Art – University of Austin at Texas (USA), the Cité Internationale des Arts de Paris (France), the École des Beaux-Arts de Rennes (France), El Basilisco (Argentina), London Print Studio (England), Maus Hábitos – Espaço de Intervenções Artísticas (Portugal), RIAA – Residência Internacional de Artistas de Buenos Aires (Argentina), and the Sala de Arte Público Siqueiros (Mexico). Special thanks should also be extended to all the critics, curators and artists who have served on the juries; the exhibition curator, Jailton Moreira, who has skilfully assimilated 10 years of production from fourteen artists with very distinct proposals; all those who have been involved and committed to the Bursary; and all the artists who have applied to and supported the project since its creation.

The Iberê Camargo Foundation

THE IBERÊ CAMARGO BURSARY: A brief background

The Iberê Camargo Bursary was created in 2001 with an aim of fostering contemporary art production in Brazil, and it came into being as a welcome investment and support for new names in Brazilian visual arts, stimulating debate and reflection about new forms and practices in contemporary artistic expression. The Bursary has for ten years marked its presence on the national art scene as one of the most important initiatives of its kind, offering Brazilian artists international residencies for research and project development in some of the world's most respected and exciting centres for contemporary art studies.

This important cultural exchange established through the Iberê Camargo Foundation's partnership with art teaching and research institutions abroad provides an important network of exchange and experiences between domestic and international art production with each new edition, enriching and reinforcing the contemporary art scene in both locations.

Fourteen artists have so far been selected for stays abroad, chosen after a discerning analysis of portfolios, lines of research and work, together with the viability and relevance of the projects to be developed during the Bursary – with applications from hundreds of artists from all states of Brazil. In addition to the names selected for international residencies with each edition, one artist is also chosen to join the *Print Studio Invited Artist* programme, which brings artists to the Foundation's base for a week of in-depth involvement in producing prints with the press that formally belonged to Iberê Camargo. Another ten names are also featured in articles presenting their work in the Digital Magazine on the Foundation website, thus ensuring visibility and stimulus for more artists each year.

The development of the Iberê Camargo Bursary has therefore constructed a rich mosaic of art production and trends, as significant as they are heterogeneous, but with a common denominator in the initiative of fostering the discovery of new talent, together with the dialogue about the different directions of Brazilian contemporary art in this century.

2001 In its first year, the Iberê Camargo Bursary offered the Rio de Janeiro artist **Cadu** the opportunity of an international residency at the respected London Print Studio. During his stay, Eduardo continued to work on his project of creating unusual systems for creating the images that appear in the final work, such as creating drawings in the boot of the artist's car, using a device that records the movement of the car as a drawing.

2002/2003 The destination for the two following years was Cité Internationale des Arts in Paris, offered to Rio Grande do Sul artists **Carla Borba** in 2002, and **Glaucis de Moraes** in 2003. Carla continued her *Álbum de Família* project during the residency, in which she recreates photographs of the past, depicting people in similar clothing and settings to those of their childhood photographs. The following year Glaucis developed her project *Reservado/Reservé* in Paris, which is an urban intervention involving the placement of transparent acrylic plaques inscribed with the word RÉSERVÉ ("reserved") on park benches, together with photographic documentation based on these experiments.

2004 In 2004 the *Art Institute of Chicago* (USA) hosted the São Paulo artist **Marcus Galan**. Marcus continued working on his *Backlight* project researching into the functionality of objects during his stay at the institution. Using illuminated structures that no longer play their role of promoting an image, the artist restores their functionality by photographing the inside of the backlight structure and inserting the image in the place of the photograph that it would have promoted.

2005 From the fifth edition, the Iberê Camargo Foundation broadened the scope of the initiative and began to offer two bursaries per year, together with expanding its support base for applicants. In addition to the international residencies, one artist would also be chosen to join the *Print Studio Invited Artist* programme, and another ten names would be featured in articles introducing their work in the Digital Magazine on the Foundation website.

In 2005, one artist was sent for another residency at the *Art Institute of Chicago* (United States), and the other to the Sala de Arte Público Siqueiros and Galeria Garash (Mexico). The São Paulo artist selected for Mexico, **Lia Chaia**, presented her project *Jardim ao Cubo*, a discussion proposal around the tension between nature and culture, unfolding into the clash between man and the city, through installations and video works produced in Mexico.

Veronica Cordeiro, the São Paulo artist currently living in Uruguay, was selected for the United States bursary with her project *The Unnamable*, based on the playwright Samuel Beckett's work of the same name. The text was the main theme and basis for performances and urban interventions in public spaces in Chicago, which were later recorded on video.

Print Studio invited artist: Juliano de Moraes (GO).

Artists featured in the Digital Magazine on the Foundation website: Eduardo Menezes Pacheco (RJ), Chiara Banfi (SP), Rafael Campos Rocha (SP), Egidio Rocci (SP), Marina Camargo (RS), Rubens do Espírito Santo (SP), Rafael Alonso (RJ), Jorge Menna Barreto (RS), Alice Miceli (RJ) and Rogério Pereira Cannella (SP).

2006 To mark the sixth edition, international residencies took place at the *Art Institute of Chicago*, and *El Basílisco* in Argentina. The São Paulo artist **Wagner Malta Tavares** was able to explore his multifaceted output in the United States, principally focused on sculpture, but also entering the fields of performance and video in interventions such as *Contact* and *First Love*, performed in public spaces in Chicago.

Iara Freiberg, was selected for the Argentinean institution with her project *Ocupação*, which proposed intervention in the urban space of Buenos Aires with impressions of the city of São Paulo. The São Paulo artist used drawing and photography to record daily life in the two cities, which were developed into interventions in the Argentine capital, revealing new dimensions of the issue of space.

Print Studio invited artist: Laura Huzak Andreato (SP).

Artists featured in the Digital Magazine on the Foundation website: Bruno Vieira (PE), Fabrício Carvalho (MG), Ivan Martins Henriques (RJ), Leticia de Brito Cardoso (SC), Marcelo Solá (GO), Matheus Rocha Pitta (RJ), Patricia Osses (SP), Rommulo Conceição (RS), Rosana Monnerat (SP) and Tatiana Blass (SP).

2007 This year, two residency bursaries were offered, one to the *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin* in the United States and the other to the *Ecole de Beaux-Art* in Rennes, France.

The São Paulo artist **Marcelo Moscheta** produced his project *Le 48e parallèle nord: paysage* in France, in which he proposed exploring the idea of shifting time and space, creating a travel diary based on journeys in Brittany on the 48° parallel. Also this year, **Matheus Rocha Pitta** was selected for the *Blanton Museum of Art* residency, with his *Drive Thru* project. Pitta united sculpture, photography and video to show the relationship between the great movement of consumer goods in today's society and the speed with which these objects are removed from circulation.

Print Studio invited artist: Mariannita Luzzati (SP).

Artists featured in the Digital Magazine on the Foundation website: Alexandre Assaly (SP), Alexandre Murucci (RJ), Cristiano Lenhardt (RS), Fernanda Soares (RS), Guilherme Dable (RS), Guilherme Maranhão (SP), Luíza Baldan (RJ), Osvaldo Carvalho (RJ), Roberto Bellini (MG) and Vanderlei Lopes (SP).

2008 The artist **Vijai Patchineelam**, from Niterói (RJ), was Bursary artist in residence in another partnership with the *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin* in the United States, developing a project that explores the relationship between the artist and the space of day-to-day production and creation. Interventions in Vijai's workspaces were selected and documented using photography, video and books.

Also that year, the Rio de Janeiro artist **Ronald Duarte de Oliveira** was selected for a period at the *Maus Hábitos* space in Oporto (Portugal). During his stay in Portugal, Ronald produced his *Álvo Fácil* project, a visual action in the urban space of Oporto, setting up a firing target with three oil drums on clothing donated by local inhabitants, in an intervention that continues Ronald's art research, which focuses on urgency of expression and what has to be shown, said and visualised at that moment.

Print Studio invited artist: Tamara de Souza Andrade (SP).

Artists featured in the Digital Magazine on the Foundation website: Celina Portella and Elisa Pessoa (RJ), Denise Ruschel Gadelha (RS), Felipe Cohen (SP), Gerson Reichert (RS), Lais Myrrha (MG), Mauro Piva (SP), Nino Cais (SP), Pitágoras Lopes Gonçalves (GO), Renzo Sogi Sato Assano (SP).

2009 The ninth edition of the Iberê Camargo Bursary selected the Rio Grande do Sul artist **Marco Sari** for an artist's residency at *RIAA – Residência Internacional de Artistas em Argentina* (Buenos Aires), and **Leticia Cardoso** from Santa Catarina, who went to the *Blanton Museum of Art / University of Texas at Austin* (United States).

Sari's proposal involved producing works and actions collaboratively, in partnership with the other artists at the institution during the residency, emphasising the exchange of experience and cultural interchange offered by the Bursary programme itself. Leticia Cardoso produced her project entitled *Austin – Paris: um ruído entre Jane e Travis*, based on the Wim Wenders film *Paris, Texas*. The project included installations and video and aimed to discuss displacement as a movement towards the unforeseen, while at the same time questioning distinct experiences of distant communication.

Print Studio invited artist: Marcelo Solá (GO).

Artists featured in the Digital Magazine on the Foundation website: Alice Shintani (SP), Camila Mello (RJ), Gabriel Netto (RS), Jorge Soledar (RS), João Angelini (DF), Helene Sacco (RS), Maurício Adinolfi (SP), Nydia Negromonte (MG), Regina Parra (SP) and Sofia Borges (SP).

The exhibition that has led to this catalogue is the result of bringing together at the Iberê Camargo Foundation headquarters the most distinctive lines of research and expression in contemporary art – through the output of 14 artists selected for the Iberê Camargo Bursary to date – in works that indicate the experimental and multifaceted nature of their practices.

**Conselho de Curadores |
Advisors to the Curators**

Bolivar Charneski
Carlos Augusto da Silva Zilio
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Luiz Fernando Cirne Lima
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Sergio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente de Honra | Honorary President

Maria Coussirat Camargo

Presidente | President

Jorge Gerdau Johannpeter

Vice-Presidente | Vice-President

Justo Werlang

Diretores | Management

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Avila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial | Curatorial Board

Fábio Coutinho
Gabriel Pérez-Barreiro
Maria Helena Bernardes
Moacir dos Anjos

**Conselho Fiscal (titulares) |
Financial Board (members)**

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

**Conselho Fiscal (suplentes) |
Financial Board (substitutes)**

Cristiano Jacó Renner
Gilberto Bagaiolo Contador

**Superintendente Cultural |
Cultural Superintendent**

Fábio Coutinho

Equipe Cultural | Culture Team

Adriana Boff (Coord.)
Caio Yurgel
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

**Equipe Acervo e Ateliê de Gravura |
Collection and Print Studio Team**

Eduardo Haesbaert (Coord.)
Elisa Malcon
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa | Educational Team

Luciano Laner
Laura Dalla Zen

Mediadores | Museum Mediator

Caroline Weiberg
Cristina Morassutti
David Cunha
Eduardo Engers
Flavia Scalon Fogliato
Iara Barata Collet

Iliriana Rodrigues
Juliana da Cruz Mülling
Juliana Maffeis
Lizandra Guerra
Luise Malmaceda
Marina Jerusalinsky
Natália Figueró
Romualdo Correa
Tailla Idzi
Victor Geuer

**Equipe de Catalogação e Pesquisa |
Cataloguing and Research Team**

Mônica Zielinsky (Coord.)
Gabriela de Almeida Malafaia
Gustavo Possamai

**Superintendente Administrativo Financeiro |
Superintendent for Administration and Finance**

Rudi Araujo Kother

**Equipe Administrativo-Financeira |
Team Administration and Finance**

José Luis Lima (Coord.)
Ana Paula do Amaral
Bárbara Nicolaieswsky
Carolina Miranda Dorneles
Igor Monteiro Bulow
Joice de Souza
Maria Lunardi
Nicole Baldissera
Rafaela Pacheco Félix
Roberto Ritter

Equipe de Comunicação | Communication Team

Elvira T. Fortuna (Coord.)
Lucianna Silveira Milani

Website

Camila Gonzatto
Luisa Fedrizzi
Bruno Mattos

Assessoria de Imprensa | Press Office

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica | Legal Advisor

Ruy Rech

Exposição | Exhibition

Curadoria | Curators

Jailton Moreira

Identidade Visual | Visual Identity

Marília Ryff-Moreira Vianna

Catálogo | Catalogue

Coordenação Editorial | Editorial Coordination

Adriana Boff

Histórico | Background

Renata Peppi

Tradução | Translation

Nicholas Rands

Revisão | Proofreading

Flávio Dotti Cesa

Projeto Gráfico | Graphic Design

Marília Ryff-Moreira Vianna
Kelly Cristina Bidone Pinto
Rosana de Castilhos Peixoto

Fotografias | Photographs

Cadu: p. 14, 15
Denise Adams: p. 28, 29
Ding Musa: p. 24, 25
Gláucis de Moraes: p. 18, 19
Guilherme Imhoff: p. 16
Iara Freiberg: p. 26, 27
Leticia Cardoso: p. 40, 41
Marcelo Moscheta: p. 30, 31
Marcius Galan: p. 20, 21
Marcos Sari: p. 38, 39
Matheus Rocha Pitta: p. 32, 33
Ronald Duarte: p. 36, 37
Everton Ballardim: p. 22, 23
Vijai Patchineelam: p. 34, 35

Tratamento de Imagem | Image Processing

??

Pré-impressão | Pre-press

??

Impressão | Printing

??

© Fundação Iberê Camargo, 2010

**Todos os direitos reservados |
All rights reserved**

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa | This edition follows the New Orthographic Agreement of Portuguese Language

M838c Moreira, Jailton
Convivências: dez anos da bolsa Iberê Camargo / Jailton
Moreira. Porto Alegre : Fundação Iberê Camargo, 2010.
48p. il.

Catálogo em edição bilingue: português e inglês.
Tradução Nicholas Rand.

1. Camargo, Iberê. 2. Rand, Nicholas. 3. Artes Plásticas.
I.Título.

CDU: 73/76 (81) (058)

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000
www.iberecamargo.org.br